

Diário de Lisboa

Numero avulso: 40 CENTAVOS

Editor—JOÃO CHRYSOSTOMO DE SA
ADMINISTRAÇÃO—Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR

JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA

Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 44

TELEFONES—2 0271, 2 0272 e 2 0273

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSAO DE CENSURA

NÃO temos, nós portugueses, a fobia dos estrangeiros. Em materia de trabalho e actividade, consideramos sempre que Portugal é grande e em Lisboa cabe muita gente.

Talvez tivéssemos, por vezes, levado a condescendencia muito longe. Para nós um estrangeiro foi sempre um amigo. E este tratamento é mais a resultante de uma indole afectiva do que o prego de uma reciprocidade—coisa em que nunca pensamos.

Ha, de resto, o estrangeiro que sabe, que ensina, que refresca a tecnica e estimula a capacidade da nossa gente. E ha o estrangeiro que sabe menos do que nós, que não ensina coisa alguma, e que vem á hospitaleira terra portuguesa ganhar a sua vida, por circunstancias varias da fortuna, ou achaques da vida moral, acêrca dos quais nunca os interrogámos.

A verdade, porém, é que em Lisboa ha, como raras vezes ou talvez nunca, estrangeiros ocupados em varias actividades numa quantidade que a crise de trabalho—que a nós também tocou pela porta—parece não justificar.

Ha anos, foi publicado um decreto a este respeito. Julgamos que, por ele, só em condições excepcionais (o que aliás lá fora se está a fazer) um estrangeiro recém-chegado era admitido á concorrência de actividades.

A nossa tolerancia, porém, atraçouu o legitimo pensamento defensivo, e que seria, afinal, de reciprocidade.

Lisboa está cheia de estrangeiros, na industria e no comercio. Alguns até nem se sabe a que comercio ou industria pertencem.

A grande maioria é simpatica, e se nem todos o são—nós achamo-los.

Mas aqueles que se vêem preteridos nas suas occupaões é que não acham isso nada simpatico.

—Valem mais do que nós? São tecnicos consumados?—pregunta-se.

Que responda quem quizer. Nalgumas actividades parece ser «chique» ter empregados estrangeiros, até pela circunstancia de ganharem mais.

Deve dizer-se que ha algumas empresas e companhias, até estrangeiras de capital, que reduziram ao minimo o seu pessoal de outros países. Mas tapam-se por um lado e abrem-se por outro.

Compreende-se que não se eliminem os que já estão, muito nossos amigos e quasi portugueses—mas o regime de porta aberta, ou entreaberta, não está legalizado.

E todos nós sabemos o que—com raros casos em excepção—sucede aos portugueses lá fora.

* * *

O PRESIDENTE da Republica do Brasil assinou um decreto que incorpora o «Lloyd» Brasileiro no Estado, que passa a ser o seu proprietario.

Esta disposição põe fim á crise que dura desde ha muitos anos na maior empresa de navegação do Brasil. Graças a esta lei, todas as dividas da empresa passam para a responsabilidade do Estado, que fornece, além disso, os créditos necessarios para a renovação da frota velha e cansada.

FABULAS

O Pavão e o Rouxinol

Parece incrível, mas é verdade: o pavão desgostou-se da sua rica e soberba plumagem. Ele tão contente, tão feliz, tão adorador de si proprio passou a viver preocupado com problemas que não interessavam ao seu destino futil e efemero.

—Porque nasci? Para onde vou? Sou só materia ou também espirito? Podem os pavões renascer das suas cinzas?...

Em vez de confundir os humildes, obrigando-os a rojar-se no pó, quando ele os ofuscava, com o fulgor sintonico das suas policromias, renegava das antigas vaidades e pensava na negra miseria de ser orgulhoso.

—Que terá ele?... indagavam intrigados os seus admiradores.

Não o tentava o sol que, através do firmamento, copiosamente, soberanamente, chamava os bichos á exhibição ostentosa dos seus talentos e habilidades.

—«Ser ou não ser», eis o importante...

Durante o dia, cismava com os olhos cerrados, sem apetite, nem sono e sem curiosidade. Apenas chegava a noite e a lua, com o seu perfil ascetico e nocturno, convidava os solitarios a revelar o misterio dos seus suspiros, o pavão saía do seu isolamento e, cortando o jardim do palacio real, quedava-se á beira duma melancolica fonte, revestida de musgo e hera, e ficava se horas seguidas a ouvir o rouxinol que se consumia em queixumes que lhe vinham do peito cheio de cortantes magoas.

—Este ao menos sabe exprimir o que sente! Quem me dera ser como ele...

Absorvido em intimos cuidados, cada vez mais estranho ao bulicio das corolas que se entreabriam, ocorreu-lhe sob a sugestão magnetica do silencio, aproximar-se do genial cantor e perguntar-lhe:

—Porque sofres?

Não se conteve e passo a passo foi caminhando para o ulmo onde ele executava os ultimos compassos duma nostalgica balada.

—Perdoa-me interromper-te, mas diz-me, sem receio, doente rouxinol, porque estranho motivo andas imerso em penas tão cruéis. Eu que já fui alegre e festivo, satisfeito com as inumeras riquezas do meu tesouro, depereço agora como os lírios cujas raizes morrem a sede. Debalde me interrogo, a fim de esclarecer-me acêrca dos arcanos do meu ser, das inquietações que me atormentam...

O rouxinol, surpreso com o inesperado da visita que o vinha embarçar na execussão dum programa de musica classica, baixou os olhos para melhor fixar o interpelante e respondeu—caso raro!—com uma pontinha de ironia:

—Iludes-te, supondo que eu sou vitima de qualquer mau fadario. Não sou amargo nem pessimista porque estou conformado com a minha sorte. Criaram-me uma lenda sem sombra de fundamento. Ha quem me julgue predestinado para expirar com saudades do paraíso perdido, amante chorando a amada que voou para os céus. Nada mais falso! Ganho honradamente a minha vida como solista, sustento um lar, cumpro os meus deveres, educando os meus filhos e respeitando os poderes constituidos.

—Como se explica, então, que o teu canto exale tamanha dor?

—Nenhum artista, a não ser por excepção, põe a sua historia em musica ou poema. A inspiração não é filha do egoismo, visto oferecer a todos os prazeres espirituais que vai descobrindo. Os meus trinados desenvolvem-se, versando temas que são inteiramente humanos. Canto para os outros e jamais para mim. Cada um de nós aceita o que Deus lhe deu, cingindo-se á modestia ou á grandeza da sua vocação...

—Que bela lição! Entendes que a metafisica e as questões transcendentales excedem a inteligencia dos pavões?

—Certamente, tresnoitado! A maravilha que te cobre de primores, plumagem superior ao manto dos reis, destina-se aos que te contemplam e não a ti que padeces de megalomania. Mete-te no teu papel e deixa-te de imitar Hamlet. Aprende a ser humilde e util á sociedade...

O pavão emmudeceu e sem agradecer o remoque eclipsou-se, nas áreas do jardim, enquanto o rouxinol acrescentava:

—Custa tão pouco dar aos outros um pouco da felicidade que Deus nos distribuiu!

8 de agosto de 1937.

GLAUCIAS

FORAM proibidos os cegos tocadores e cantadores de percorrerem a via publica. O espectáculo não era dos mais confortantes, com efeito.

Sobretudo o aspecto que esses grupos ofereciam «pedindo esmola»—e aqui é que reside o fundamento da ordem do Governo Civil, julgamos nós—era deprimente.

Contudo alguns pares desses cegos cantadores, vimos nós, subiam e desciam as ruas, sem estenderem a bandeja. Quem lhe quisesse dar—dava. Quem não quisesse—passava adiante.

Eles eram, de certo modo, uma nota pitoresca da cidade, triste é certo, mas de tristeza está a cidade cheia. E lá fora, em capitais importantes, os cegos tocadores—e até os que têm vista—tocam pelas ruas, e cantam, sem que as autoridades intervenham.

Todas as cousas têm os seus prós e os seus contras, é certo. Não deixando toda a gente de concordar com a deliberação do sr. governador civil, considere-se, contudo, que outros aspectos mais deprimentes existem.

A ordem, porém, está dada, e agora só cumpre perguntar: e que vão fazer esses musicos ambulantes? Ha asilo para eles? Tocar e cantar é assim uma coisa suficiente para pôr um desgraçado á margem?

Escreve-nos um leitor apresentando um alvitre que não nos parece, á primeira vista, aceitavel. Mas pode dar sugestões para variantes.

Não seria possivel que nas Emissoras, periodicamente, se fizesse ouvir uma orquestra de cegos?—eis o alvitre. O programa das emissoras não pode comportar, evidentemente, musica anarquica, certamente imperfeita, de musicos ambulantes, sem coesão nem organização.

Mas, partindo do principio de que a musica dos cegos é um legitimo meio de ganhar a vida, não poderia o sr. governador civil—que não faz as cousas por capricho de ocasião, ou por sugestão de pessoas que pretendem endireitar o mundo com uma penada—aproveitar os cegos com a sua musica?

* * *

DESDE 15 de outubro de 1932 a 31 de janeiro de 1937 pela direcção dos Serviços de Melhoramentos Rurais do Estado, para estradas, caminhos, fontes e lavadouros, participou com 40.591 contos, dos quais Porto, Coimbra e Santarem, e logo Leiria, Bragança, Castelo Branco e Viseu, absorveram as verbas maiores. Setubal foi, de muito longe, o distrito que menos obteve no continente.

* * *

A FOLHA oficial publica a portaria que nomeia a delegação portuguesa a 18.ª assembléa da Sociedade das Nações. São eles o sr. dr. Caeiro da Mata, como presidente; dr. Mario de Figueiredo e engenheiro Sebastião Ramires, como delegados efectivos; Tomaz Fernandes, como delegado suplente, e secretario, João Simões Afra.

DESPORTES

Circuito Automobilístico do Estoril

Está quasi concluída a organização técnica do Circuito Automobilístico do Estoril. As bancadas encontram-se montadas, os «stands» de reabastecimento em via de conclusão e os sacos de areia protectores estão a encher.

Os treinos efectua-se amanhã e depois. Os das amatas das 16 e 30 às 17 e 30 e os dos automóveis, das 18 às 19.

O Automóvel Club de Portugal, cuja direcção é presidida pelo sr. conde de Monte Real e da qual fazem parte os srs. eng. Pedro Joyce Deniz, Joaquim Roque da Fonseca, drs. Mario Madeira e Augusto Ribeiro Vaz, João Ortigão Ramos, José Augusto dos Santos, conde da Covilhã e eng. Abel Pedro Fiuza, seguindo as suas normas de protecção de todas as iniciativas que possam concorrer para o desenvolvimento do automobilismo em Portugal, dispensa às provas toda a sua assistência técnica e dedica à sua realização a importante verba consignada no seu orçamento para as corridas anuais do Estoril.

Ontem, a comissão organizadora do Circuito Automobilístico do Estoril foi a Belem convidar o Chefe do Estado a assistir às provas.

NA A. F. L.

Distribuição de premios

Realizou-se ontem, á noite, na sede da Associação de Football de Lisboa uma sessão solene para entrega das taças e diplomas aos clubes que ganharam os campeonatos de 1936-1937 e outros torneios da mesma época.

O sr. Cruz Felipe, depois de saudar todos os clubes representados e a Imprensa, procedeu á distribuição dos premios, recebendo taças os clubes Sporting, Carcavelinhos, Belenenses, União Lisboa, Football Benfica e União Fabril, vencedores dos diversos campeonatos e outros torneios da A. F. L. O Belenenses recebeu quatro taças, duas delas ganhas definitivamente: «Sá e Oliveira» e de conjunto da Divisão de Honra. O outro trofeu definitivo foi conferido ao Sporting, sendo as restantes taças provisórias.

LAWN-TENNIS

Campeonato da Rinchôa

Prosegue com grande actividade e entusiasmo o campeonato de «tennis» da Rinchôa, que um grupo de veraneantes organiza anualmente com assinalado exito. Nesta época, a competição reuniu uma grande inscrição, transformando-se não só em passatempo desportivo como num ponto de agradável reunião. Encontram-se na fase final os seguintes jogadores: D. Maria José Condeixa, Teddy Santos, Emilio Lino, Renato Gonzaga, Bernardino Pinto, Januario Almeida, Carlos Veloso, Rubens Rodrigues, Abel Neves, João Condeixa e Rodrigues.

EM ALMADA

Grande festival desportivo

No campo das Fontainhas, em Almada, organizado pelo União Sport Club Almadense, efectua-se, no proximo domingo, um grande festival desportivo, que começa ás 16 horas, disputando-se varias taças e medalhas.

O programa consta de varias provas ciclistas em que colaboram os melhores praticantes locais, além duma ginkana motociclista e acrobatica.

A secção motociclista do Belenenses desloca-se a Almada no proximo domingo, a fim de tomar parte no festival desportivo e ginkana motociclista promovida pelo União Sport Club Almadense, e no dia 29 do corrente efectuará uma prova de destreza e pericia motociclista, seguindo-se um «pic-nic», em Obidos, oferecido por uma comissão de senhoras belenenses a todos os motociclistas «azues».

Cursos para o aperfeiçoamento de medicos

Foi já publicado o programa para os cursos outonais da Academia berlinesa para o aperfeiçoamento de medicos. São dez e funcionarão durante os meses de outubro e novembro, versando sobre os assuntos mais importantes da especialidade medica. De entre os cursos a realizar, salientamos os seguintes: «Tratamento da tuberculose», no Waldhaus Charlottenburg; «Curso de cirurgia do torax, com especial atenção pelas doenças pulmonares», regido pelo professor dr. Sauerbruch; «Doenças venereas e de pele», regido pelo professor dr. Friboes, e «Curso de ginecologia», regido pelo dr. Doederlein.

Para informações mais pormenorizadas, deverão os interessados dirigir-se ao Gremio Luso-Alemão, na rua do Passadiço, 86, Lisboa. O Gremio encontra-se á disposição do publico todos os dias uteis, das 15 e 30 ás 18 horas, excepto ás terças e sextas-feiras, em que o Gremio se encontra aberto das 20 ás 22 horas.

DOTAÇÕES DE AGUA

Uma portaria do sr. ministro das Obras Publicas e Comunicações estabelece o novo mapa das dotações gratuitas de agua a organismos do Estado ou de interesse publico.

MUNDANISMO

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:

D. Helena Garcês Pinto Basto, D. Francisca de Figueiredo Cabral da Camara Pinto Basto, D. Isabel Valado Barbedo Pinto, D. Luiza Maria Salena de Avilez Pinto Coelho, D. Maria da Cunha Pimentel de Vasconcelos, D. Emilia Sellés Gomez, D. Maria Madalena Amado Leite de Castro, D. Maria João de Brito da Rocha e Melo, D. Maria Rita Correia de Sampaio de Scabra, D. Branca Mesnier Pinto, D. Maria da Assunção da Camara, D. Leopoldina de Barros Lima, e D. Lidia Saraiva Bernardes.

—Fizeram ontem anos a sr.ª D. Maria Nunes Ereira e o sr. José Nunes Ereira, filhos do nosso querido amigo sr. Joaquim Nunes Ereira, director do Casino Estoril.

—Faz amanhã anos a sr.ª D. Elisa Rodrigues Pereira.

NASCIMENTOS

A sr.ª dr.ª D. Custodia Alves do Vale, esposa do sr. Alberto Xisto do Vale, teve o seu bom successo. Mãe e filha encontram-se felizmente bem.

—Teve uma robusta criança a sr.ª D. Maria Macias Falconde, esposa de D. Manuel J. Falconde, advogado, chefe dos Requetés. Foi seu medico assistente o sr. professor dr. Costa Sacadura. Mãe e filho estão muito bem.

CASA DE REPOUSO DA ABRUNHOSA

Chegaram á Casa de Repouso da Abrunhosa (Beira Alta), as sr.ªs D. Virginia do Ceu Pinto da Cruz e D. Adilia Tavares e filha Maria Emilia.

NA COSTA DO SOL

No Casino Estoril

Está despertando o maior interesse a festa de gala, que se realiza na noite de sabado no Casino Estoril, para apresentação do novo fono-filme português «Maria Papoila», da autoria de Leitão de Barros, havendo duas sessões, assistindo á primeira além do illustre Chefe do Estado, e entidades officiais, convidados e Imprensa, e á segunda as principais familias da nossa primeira sociedade, actualmente em Cascais, Estoril, Sintra e Lisboa, havendo depois no salão do restaurante, «ceia», seguida de baile.

G A R T A 7

TEATROS

Eden—A's 20 e 45 e ás 23—«Chuva de mulheres».

Maria Vitoria—A's 20 e 45 e ás 23.—«A Senhora da Atalala».

Variedades—A's 21 e 45—«A Severa».

CINEMAS

Capitolio—A's 21 e 15.

Chiado Terrasse—A's 21 e 15.

Condes—A's 21 e 15.

Eden Cinema—R. Alvito—A's 21.

Odéon—As 21 e 15.

Pavilhão Português—A's 21.

Rex—A's 21.

Royal-Cine—A's 21.

Salão Ideal—Rua do Loreto.

AVANTI MODAS

Av. da Republica 9, r/c

Mostra todos os dias, lindos vestidos, casacos e malhas para praia a preços-fim de estação

ESTE ANUNCIO E MAIS 5 ESCUDOS

Valem um bom retrato com o formato 18 x 24 na FOTOGRAFIA ACHILLES

AVENIDA ALMIRANTE REIS N.º 1, 1.º ANDAR — (Ao Intendente) — TELEF. 4 7063



AERO-PORTUGUESA

33, R. do Alecrim, 2.º — Telef. 2 3371

Partidas

aos domingos, ás 8 e 15

PORTUGAL-AMERICA DO SUL em 48 horas

Entrega das correspondencias para: MARROCOS, AFRICA OCIDENTAL FRANCESA, GUINÉ PORTUGUESA E FRANCESA, LIBERIA, COSTA DO MARFIM E DO OURO, AMERICA DO SUL na CENTRAL DOS CORREIOS (Rua do Arsenal).

até ás 6 horas da manhã de DOMINGO

PASSAGEIROS para Marrocos, Africa Ocidental Francesa, Europa, etc. MERCADORIAS para Marrocos e Africa Ocidental Francesa.

Informações: Wagons-lits | Cook — Agencia Havas — Turismo de Portugal

EM VIAGEM

Regressaram do norte, os srs. condes de Monte Real.

—Para o Palace Hotel da Curia partiram, acompanhados de suas sobrinhas, as sr.ªs D. Maria Posser de Andrade de Meneses Vilar e D. Minda da Costa e Silva (Almarjão), os srs. condes da Folgosa.

—Na quinta da Torre em Caparica, encontra-se a sr.ª condessa dos Arcos.

—Está em S. Martinho do Porto, a sr.ª condessa de Almarjão.

—Com sua irmã e filhinho, partiu para a sua vivenda em Pó a sr.ª D. Fredegundes Chamber Cortes Real.

—Acompanhado de sua esposa, a sr.ª D. Maria Barbara Street Rangel de Quadros Correia da Nobrega e Sousa, e seus filhos, está na sua vivenda de Aqualva, o sr. dr. Agostinho de Sousa.

—Regressou com sua filha, ao Porto, a sr.ª D. Maria Amelia de Melo Breyner Andresen.

—Partiu para a sua casa em Alcochete, com sua esposa, e filho, o sr. Fernando de Ornelas Gomes.

DOENTES

Foi operada, com feliz êxito, pelo distinto cirurgião sr. dr. Mario Carmona, a sr.ª D. Berta Amelia da Costa Pinto e Albuquerque, extremosa esposa do sr. Amadeu de Almeida Carmo Lemos Meneses Sousa e Albuquerque, chefe, interino, da secretaria geral do ministerio das Finanças.

—Em consequencia de um parto difficil, foi operada, pelo sr. professor dr. Costa Sacadura, a sr.ª D. Maria Natalia Baptista Anes Serra Ferreira, esposa do sr. Aurelio Guilherme Serra Ferreira. Mãe e filha estão bem.

—No Pavilhão da Família Militar do Hospital da Estrela foi operado, com muito exito, pelo distinto cirurgião sr. dr. Bastos Gonçalves, o sr. Julio Maria de Lima de Sousa Larcher de Brito.

—No Pavilhão Militar do Hospital da Estrela foi operado, com muito exito, pelo distinto cirurgião sr. dr. Sacadura Botte, a sr.ª D. Branca Barros Teixeira.

SUFRAGIOS

Maria de Lourdes da Conceição Colmeiro

Mandada dizer por seus pais, D. Laurentina Ferreira Colmeiro e José Colmeiro, reza-se amanhã, dia 13, pelas 8 horas, na igreja de S. Mamede, missa por alma da menina Maria de Lourdes da Conceição Colmeiro, comemorativa do 30.º dia do seu falecimento.

Ministro das Obras Publicas

LUSO, (Mealhada), 11. — A fim de cumprimentarem o sr. ministro das Obras Publicas e Comunicações, estiveram ontem nestas terras as autoridades civis do concelho, ás quais o sr. engenheiro Joaquim Abranches agradeceu a attenção.

O dia religioso

AMANHÃ, 13. — Santos Hipolito e Cassiano, mártires.

Lausperene, está na igreja da Graça, ás 11, missa; ás 18, hora santa.

A ORQUESTRA ALDRABOFONA na Verbena das Laranjeiras

Hoje, ás 21 horas, realiza-se, na encantadora Verbena das Laranjeiras, nos jardins do parque do antigo palacio dos condes de Farrobo—que têm entradas por Sete Rios (antes do Jardim Zoologico) e pela estrada das Laranjeiras, 205—um interessantissimo festival que vai certamente atrair ali milhares de pessoas, tanto mais que as noites estivais estão propicias para os espectaculos ao ar livre.

Apresentar-se-á a popularissima Orquestra Aldrabofona que representará a «opera» em 3 actos «Aventuras aerodinamicas de Dona Flora Tosca» que provocou encheres no Eden-Teatro e no Casino Estoril, e que se exhibe hoje a preços populares: 5 escudos cada pessoa.

Para isto, a nova direcção da verbena fez construir expressamente um novo palco-teatro, havendo varias diversões, restaurantes, esplanadas, «carroussel», tiro ao alvo, aviario, etc.

A Companhia Carris terá carros á disposição do publico até ás duas horas.

VERBENA DE SANTO AMARO

Depois de amanhã e no domingo realiza-se, no Eden-Casino, de Santo Amaro de Oeiras, uma verbena a favor dos Institutos Paroquiais da freguesia de Oeiras, benemerita instituição de caridade, cuja obra é inútil encarecer.

Colaboram amavelmente nas festas alguns dos nossos mais aplaudidos artistas teatraes e entre eles Maria Paula.

Haverá surpresas no palco, barracas de tiro, fantoches, e baile, abrilhantado por uma excelente orquestra-«jazz».

UMA OBRA DE CARIDADE

Para o pobre menor atacado pelo mal de Pott (tuberculose ossa) a que fizemos referencia e que uma cura de sol na Parede curaria, talvez radicalmente, recebemos 50\$00 e 20\$00 de dois caridosos anónimos.

COLHIDO PELO COMBOIO

O «rapido» que seguia para Cascais, colheu hoje, ás 13 e 15, na estação de Carcavelos, um homem que morreu imediatamente e cuja identidade se desconhece.

FESTA DE ARTE EM ALCOBAÇA

Foi adiada para data a fixar a festa de arte que estava annunciada para o dia 15 na vila de Alcobaca.

Mister Scott e o novo filme «Maria Papoila»

Se Mirita Casimiro interpreta como uma autentica e consoladora revelação a «Maria Papoila» no novo filme deste título que se estreia na noite do proximo domingo, 15, no S. Luiz e no Condes—Antonio Silva, grande comico do cinema português, põe de pé, notavelmente, a curiosa figura de Mister Scott, um americano rico, bebado, simpatico, que rouba por excentricidade, e dá tudo aos pobres ou a quem ele supõe como tal.

Entre os muitos tipos, bem observados, que esmaltam o novo fonofilme «Maria Papoila», realização original de Leitão de Barros—Mister Scott avulta como uma nota simpatica, a par dos 14, 27 e 29, magalas de cavalaria, e da «sopeira» «Maria Papoila», uma «trouvaille» literaria e cinematografica.

ATUM VEIGA

em posta e em azeite, está sendo o preferido por todas as pessoas de bom paladar.

Encontra-se á venda em toda a parte.

Preço por lata, £\$20

Representantes: BALTAZAR & COSTA, L.D. — Calçada Jogo da Péla, 3 (ao Socorro) — Telef. 2 3940

Camilo Farinhas, L. da

Fornecedores de lenhas e carvões de todas as qualidades, por grosso e a retalho.

Depositarios gerais do carvão de coque da Companhia do Gaz na linha de Cascais

ENTREGA AOS DOMICILIOS

Sede:

ESTRADA NACIONAL — ESTORIL

Telefone 49 Estoril

BOLSA DE LISBOA

12 de agosto
CONTADO

VALORES	Efectuado	Compra	Venda
Fundos do Estado			
Consolidado 3 3/4 1936..	952\$00	952\$00	953\$00
4 0/0 1934 ..	988\$00	987\$00	988\$00
Emprestimo 4 1/2 0/0 1912	—	2.200\$00	2.211\$00
Consolidado 4 1/2 0/0 1933	1.026\$00	1.025\$00	1.026\$00
4 3/4 1934 ..	—	1.158\$00	—
5 1/2 0/0 1933 ..	—	1.065\$00	1.068\$00
Externo 3 0/0 1.ª Série ..	1.733\$00	1.734\$00	1.738\$00
3 0/0 2.ª ..	—	—	—
3 0/0 3.ª ..	1.745\$00	1.740\$00	1.748\$00
Cautelas sjiuro 3.ª Série	161\$00	161\$00	161\$50
Ações			
BANCOS			
Comerc. de Lisboa, port.	—	506\$00	510\$00
Espírito Santo port.	—	760\$00	800\$00
Lisboa & Açores, port.	—	370\$00	375\$00
Portugal, portador,	—	—	—
C.ª DE SEGUROS			
Bonança	875\$00	870\$00	900\$00
Fidelidade	17.800\$00	—	18.000\$00
Mundial	—	218\$50	220\$00
Nacional	—	—	—
Sagres	—	—	—
Tagus	—	1.250\$00	1.500\$00
C.ª DIVERSAS			
C. P. ordinária	—	—	—
privilegiada	—	14\$00	16\$00
Aguas de Lisboa, port.	—	—	—
ass. 1934	—	142\$00	—
ass. 1936	—	140\$00	—
Credito Predial	18\$30	18\$10	18\$50
Gaz e Electricidade	228\$00	228\$00	230\$00
Portugal e Colonias	88\$20	88\$20	88\$30
Navegação	98\$70	98\$50	99\$00
Portuguesa de Pesca	—	255\$50	260\$00
de Tabacos	409\$00	408\$50	409\$50
Tabacos de Portugal	—	—	—
Tabaqueira	—	—	—
União Electrica Portug.	—	—	—
COLONIAIS			
Açúcar de Angola	250\$00	249\$00	251\$00
Busi — 1.ª Emissão	49\$70	48\$00	49\$50
— 2.ª	—	—	—
Ilha do Principe	462\$00	462\$00	464\$00
Obrigações			
C. P. 6 0/0	—	252\$50	260\$00
Prediais 6 0/0 — 1932/1.ª S.	85\$50	—	—
7 0/0	107\$00	106\$70	107\$50
União Elect. Port. 6 1/2 0/0 ..	—	—	—
5 0/0	—	103\$00	104\$50
Busi 9 0/0	—	112\$00	112\$50
6 1/2 0/0	120\$00	120\$00	121\$00

HENRIQUE DE BARROS GOMES

Corretor oficial da Bolsa de Lisboa
TELEF. 2 5482 RUA S. JULIAO, 69

CAMBIOS

CHEQUE SOBRE	Compra	Vendas
Londres	110\$00	110\$20
Paris	\$82,8	\$82,9
Madrid	1\$27,1	1\$27,3
New-York	22\$07,1	22\$11,2
Zurich	5\$06,8	5\$07,7
Roma	1\$16,1	1\$16,3
Bruxelas	3\$71,5	3\$72,2
Amsterdã	12\$16,9	12\$19,1
Berlim	8\$89,0	8\$89,6
Praga	\$76,9	\$77,1
Rio de Janeiro	1\$47,5	1\$47,7
Libra ouro	—	—

Programas de hoje

CONDES TEL. 22623
Empresta-me a tua noiva
de Armand Bernard
Os com dias
A's 21 e 30 Grande filme italiano

ODEON Tel. 2 6283
A Filha do Bosque Maldito
com Sylvia Sidney
e Fred Mac Murray
Os dragões da Morte
com Carole Lombard e Frederic March
Os cartões de convite com 50 % são válidos todos os dias, de tarde e à noite, nos dois cinemas, excepto aos domingos.

PALACIO
A's 21 e 30
Telef. 4 7163

CAPITOLIO A Boneca do Diabo
Uma rapariga a bordo
Tel. 27493 A's 21.15 No terrço e no salão

REX O trevo de 4 folhas
Ressurreição
Tel. 2 8658
A's 21 e 15
Fados no Salão de Festas
Os cartões de convite com 50 % são válidos todos os dias de tarde e à noite, excepto aos domingos.

PAVILHÃO PORTUGUÊS A's 21 e 15
Eras do Seculo XX
Luze: da China

ROYAL Viver sem pecar
Ladrões de peles
Tel. 45037
A's 21

CASINO ESTORIL A's 21 e 30
Beleza de marido

TEATROS E CINEMAS

Beatriz Costa no Rio de Janeiro

Por avião, chegaram ontem aos exatórios da empresa José Loureiro os cortes de todas as críticas dos jornais do Rio de Janeiro, referentes à revista «Arre, burro!» e à estreia, no Teatro Republica, da companhia de Beatriz Costa. A' nossa querida «vedeta» é tecido por cada crítico um hino à sua Arte e ao seu formidável triunfo, com as palavras de maior e mais caloroso elogio, envolvendo todos os demais elementos da companhia, inclusive os grupos das bailarinas e das «girls», considerados os melhores que ali tem ido de Portugal.

Atrás do reposteiro

Os empresarios e nossos amigos José Loureiro e Ricardo Covões iniciaram ontem os primeiros trabalhos para a actuação duma companhia de revistas que vai inaugurar a futura temporada da Trindade e para cujo elenco se conta já com um notável núcleo artistico.

Sob a direcção do maestro Bernardo Ferreira, está concluindo o seu repertorio lirico e de canções regionais uma senhora da sociedade, discipula duma artista de opera, já retirada, e cuja apresentação se fará em Paris, nas novas festas que vão realizar-se no nosso pavilhão, na Exposição Internacional.

Para a exploração dum teatro popular de Lisboa, pretendido por dois conhecidos elementos teatraes, agora fora da actividade, foi convidada a financiar o negocio uma agencia de negocios, com escritorios na rua do Ouro.

O guarda-roupa para o Rancho de Colares, que está sendo ensaiado pelo realizador Piero, vai ser confeccionado, com todo o caracter regional, pelos «ateliers» Paiva, sob figurinos do distinto artista-cenografo Pinto de Campos.

Faz amanhã anos o actor João Lopes, agora afastado de cena, mas contratado para interpretar brevemente um filme português.

Recebemos cumprimentos do actor Jorge Grave, ha dias regressado de Melgaço.

O actor Antonio Vilar vai, de novo, recommear a sua actividade, na qualidade de «maquilleur» de cinema, arte em que se especializou em Barcelona, ao lado de Max Nossék, Artur Duarte e José Castelvi.

Os primeiros trabalhos desta temporada, que mestre Augusto Pina vai pintar, para o teatro, foram já encomendados a este artista pelo empresario José Loureiro.

O Teatro do Povo, que hoje realiza o seu segundo e ultimo espectáculo em Trofa, trabalha em Lamas, concelho de Vila da Feira, nos dias 14 e 15 do corrente, seguindo daqui para Ilhavo, no distrito de Aveiro.

Segundo consta, uma importante empresa teatral está na disposição de firmar os contratos dos seus artistas, para a proxima epoca de inverno, garantindo-lhes seis meses de actuação continua.

Volta a agitar-se a idéa, patrocinada por

“MARIA PAPOILA”

NO ESTORIL

SABADO, A'S 22 HORAS

Em «avant-première», vai no Casino Estoril, fazer-se uma Grande Gala Cinematografica, para a apresentação deste novo filme português, de Leitão de Barros.

«Avant-première», ás 22 horas

Sessão A, ás 0 horas

«Maria Papoila» é um filme de acção intensa e dum sentido cinegrafico perfeito de arte, revelando um meio popular, absolutamente original. Acção, movimento, unidade e musica popular, genuinamente portuguesa põem em todos uma expectativa emocionante e uma boa disposição até final do filme, deixando-nos plenamente satisfeitos!

Preços: Entrada, 25\$00; Ceia, 30\$00; Cinema e Ceia, 50\$00.

A' sessão A assistem os principais interpretes do filme.

VARIEDADES

Hoje: A's 9,45 horas

A SEVERA

PROTAGONISTA

Palmira Bastos

Esplanada de S. José

Av.ª da Liberdade (Junto ao Tivoli)

HOJE, às 21 h. — Inauguração das sessões de Cinema com o grandioso filme

Capitão Blood
Entrada 1\$50.

Curso de ferias

da Faculdade de Letras de Lisboa
Um concerto de musica portuguesa

Hoje, por ser quinta-feira, não houve lições nem conferencias no Casino Internacional do Monte Estoril, onde a Faculdade de Letras de Lisboa está realizando o seu Curso de ferias.

Em compensação, começou ás 16 horas, um interessantissimo concerto de musica portuguesa, sob a direcção do illustre maestro Ivo Cruz que acompanha no piano os distintos artistas D. Violante Montanha (soprano) e Santiago Kastner, na interpretação do seguinte programa: «Tento», de Rodrigues Coelho, «Sonata em ré menor», de Frei Jacinto (seculo XVIII), «Duas Sonatas», de Carlos Seixas (1704-1742), «Sonata», de Sousa Carvalho (Segunda metade do seculo XVIII), «Aquele moço», de Augusto de Lima e Luiz de Freitas Branco, «A Maria», de Pereira Barreto e Hermínio do Nascimento, «Cantar de amigo de Pedro Eannes Solaz» e «Cantar de amigo de Lourenço, jograr», de Claudio Carneiro, «Soror Mariana», de Afonso Lopes Vieira e Ivo Cruz, «Olhos negros», de Almeida Garrett e «Lavadeira e caçador», de João de Deus, musicados por Viana da Mota.

Amanhã, das 14 ás 14 e 45, o dr. Gaspar Machado, professor e metodólogo do liceu de Pedro Nunes, dará mais uma lição de iniciação linguística, com leitura e interpretação de textos populares e cultos, no curso complementar de português para estrangeiros, e das 14 e 45 ás 15 e 30 outra, de comentario linguístico, literario e ideológico de lugares selectos dos maiores escritores portugueses, no curso superior de português para nacionais e estrangeiros. E das 15 e 30 ás 16 e 15, o sr. dr. Raul Augusto Teixeira Machado dará mais uma lição de conversação e redacção, no curso elementar de português para estrangeiros.

No Curso de Literatura Portuguesa, o professor dr. Vieira de Almeida, director da Faculdade de Letras de Lisboa, realizará, ás 15 e 30, a sua primeira lição que se intitulará «Os mysticos portugueses». E ás 16 e 30, no Curso de Arte Portuguesa, o dr. Aarão de Lacerda, professor da Escola de Belas Artes do Porto e crítico de arte, dará a sua terceira lição, intitulada «As artes plásticas em Portugal, nos seculos XV e XVI (a arte gótica, a arte manuelina e a arte do renascimento)».

MARIA VITÓRIA

HOJE: A's 8,45 e 11 horas

SENHORA DA ATALAIA

O único espectáculo teatral que hoje se efectua no Parque Mayer

Dr. Tedeschi Neves — Asma

BRONQUITES — Avenida da Liberdade, 73, 2.ª, as 15 — Telefone 27358.

DA-WA

CHARCUTERIA

TELEFONE 4 9764

AV. DUQUE D'AVILA, 88-B

Flambre

Mortadella

Salame

HOJE

12

A REVISTA COLOSSO

CHUVA

DE

MULHERES

A's 8,45 e 11 horas

NO

EDEN-TEATRO

Quer a sorte grande?
Habillite-se na tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

OS GRANDES VAGABUNDOS

Percorreu Portugal a pé com a família atraído pelo Eldorado do Estoril

O Antonio Miguel é um dos muitos pobres, que com vergonha de pedir, arranhou um cabazito de quinquilharias, e percorre a zona rica dos Estoril, batendo de porta em porta:

—Aguilhas e alfinetes, quero?

—Não é preciso.

—E abanos, grelhas ou escovas?

A mesma negativa. É um homem ainda forte, tipo da Beira, tostado do sol e gretado de invernos, que um dia, como a terra, na sua aldeia já não precisasse de braços, abalou dali com a mulher, uma filha, a Emilia, que tinha, então, três anos, e um cavalecoque, puxando uma carrocinha, onde vinham dois baús, um fogareiro de ferro, e umas sarapilheiras para armar a tenda, onde o deixassem. Partiu do Teixoso, Covilhã, no último Natal, com a invernia a regougar nos açudes, e a serra, muito fria, embiocada no seu manto de neves, até ao peito.

—Também para que ficar?!—diz-nos ele agora, enquanto os seus dedos trêpegos vão esmoitando um cigarro de onça.—Já estava farto de miséria, e nesse dia nem pude acender lume em casa. Umas batatas frias, e uma côdea de pão, duma semana, amolecida com água.

O Antonio Miguel botou-se ao caminho, e veio a pé, de aldeia em aldeia, o cavalito trotando, cada vez pior, mais trêpego, com os ossos a rangerem do reumatismo apanhado, quando tinha de passar um rio, o que não era sempre, e de dormir ao relento, por essas terras de Cristo. Atravessou Portugal de lado a lado, sempre a pé, aqui esperando uma feira, mais adiante, tratando da mulher, que lhe adoeceu com maleitas,—e outras vezes, sem parar, porque não lhe davam um palheiro, onde dormir, ele mais a família. Vinha com fito nos Estoril. Havião-lhe dito que aquilo, no verão, era bom. Muitos espanhóis e senhoras ricas, de Lisboa, que faziam muito bem á pobreza. Demorou mês e meio a chegar. Castelo Branco, Abrantes, Sobreira Formosa, Proença-a-Nova, Cabeça do Infante, Sarzedas, Castelo Rodrigo, Pinhel, Entrancamento Real, como ele diz, Torres Novas, Santarém, Vila Franca e, por último, Lisboa, que lhe meteu medo, tão grande lhe pareceu!

Chegou em fevereiro. No caminho, o cavalito havia-lhe morrido, e aí por alturas de almeirim, a mulher decaía a luz, num palheiro, a Maria de Jesus, tal qual como Nossa Senhora. Atravessou terras encharcadas de água, a neve dos caminhos, sobretudo em Abrantes, mas um homem sabe resistir, engulir as lágrimas, e andar para a frente, que é o caminho.

Quando chegou aos Estoril teve uma desilusão. Ninguém lhe comprava a pobre mercadoria. Também ela ia rareando, com falta de dinheiro para a renovar. Deu uma volta por Sintra, mas nada. Ainda era pior. Ha uma polícia de turismo, que não deixa estes Asheverus, parar mais de dois dias, em cada terra.

O Antonio Miguel, porém, conseguiu alapar-se, numa riba, ao pé do Asilo dos Cegos, na estrada de S. Pedro para S. João do Estoril. Armou ali a sua barraca á espera de melhores dias — que para os pobres nunca vêm. Já lhe disseram que se fôsse embora, mas a filha mais pequena, que tem três meses, e nunca bebeu leite, adoeceu com uma enterite. Os agentes tiveram dó dele, e fizeram vista grossa. E' que a lei briga, por vezes, com o coração. O Antonio Miguel fala-nos das feiras grandes da Beira, da de Almeida, da de S. Francisco, na Guarda; da de S. Miguel, já nos esquecemos em que terra.

—Porque não volta?

O Antonio Miguel coça a cabeça. Adivinha-mos que a nossa ideia o apouqueta.

—Não seria mau, mas o pior é que devo lá um dinheirito de «fazenda». Pagá-lo? Como, se hoje deixei, na barraca, apenas cinco tostões! Agora levo aqui um pão para a ceia.

—E leite para a petizita doente?

—A venda não dá para tanto!

O pobre e vagabundo Antonio Miguel não sabe o que fazer á sua triste vida.

Recomendamos o seu caso ao sr. capitão Antonio Cardoso, que, com tão inteligente critério, tem administrado o concelho de Cascais. Ou mandá-lo para a terra, dando-lhe as passagens, ou então, empregá-lo nos serviços da Camara. Com pouco se contenta: varredor ou carroceiro, já lhe chega para viver. Bem o merece, o pobre Antonio Miguel, pelo menos, pelo que tem sofrido — ele e os seus!

PASSEIOS NOCTURNOS A' BARRA

com escala pela Trafaria, no
"NORTE EXPRESSO"

Todos os dias partida do T. Paço ás 21,45
Ida e volta 5\$00

Os nacionalistas ocuparam importantes posições que facilita consideravelmente as suas operações na

FRENTE DE SANTANDER, 12.—Ontem á noite as tropas nacionalistas foram bem sucedidas num ataque a umas posições governamentais, o que lhes facilitará operações futuras. Os soldados de Franco apoderaram-se de muitas munições e diverso material. Os governamentais abandonaram muitos cadáveres.—(Havas).

Entrada de navios em Santander

SAINT JEAN DE LUZ, 12.—Radio Santander comunicou que um navio mercante inglês forçou, ontem de manhã, o bloqueio dos nacionalistas e entrou, com um navio francês, no porto de Santander.—(D. N. B.).

Soldados que passam para as linhas nacionalistas

SALAMANCA 12.—Informações oficiais dão conta de que, na frente de Santander, as tropas nacionalistas puderam avançar as suas linhas. Em varios pontos da frente de Madrid passaram-se para as linhas nacionalistas sessenta e dois milicianos e soldados com equipamento.—(D. N. B.).

As operações na frente do Centro

BARCELONA, 12.—Radio Barcelona comunicou as seguintes notícias da frente de Madrid:

As únicas operações que se efectuaram na frente do Centro realizaram-se a noroeste e sueste de Madrid. Enquanto os republicanos continuavam a exercer pressão ao longo da estrada de Andaluzia, onde ocuparam ontem de manhã posições que lhes permitem ter sob o seu fogo importantes vias de comunicação, os nacionalistas realizavam um ataque contra as nossas posições proximo de Villanueva de la Cañada. A acção, efectuada de tarde, foi precedida de intenso bombardeamento, a que a artilharia republicana respondeu com violencia, comparavel á usada por ocasião da ofensiva de Brunete. No entanto, as operações tiveram um interesse local e a linha da frente não sofreu modificações apreciáveis. No sector de Carabanchel, a guerra continua a manifestar-se por acções subterraneas.—(Havas).

Notícias de Madrid

MADRID, 12.—Comunicado oficial do Ministerio da Defesa Nacional, ás 24 horas:

«Exercito de terra do centro, em diversos sectores desta frente houve fuzilarias e canhoneios. No sector de Guadalajara as nossas tropas efectuaram uma nova incursão na aldeia de Muriel, trazendo grande quantidade de trigo. Exploraram, seguidamente, o terreno na estrada de Soria, atacando com granadas de mão um grupo de sapadores inimigos ocupados em fortificações. 24 desertores inimigos apresentaram-se nas nossas linhas.

Leste, o inimigo atacou, com morteiros e canhões, as posições republicanas de Rubilla. A artilharia republicana, com o seu tiro preciso, obrigou o fogo do inimigo a calar-se. Em Ventura de Ruil as tropas republicanas efectuaram, com exito, um ataque.

Frente norte, em Oviedo o inimigo atacou as posições republicanas. Em Santander o inimigo sofreu perdas sensíveis, devido ao tiro da artilharia republicana, de Coto Morales.

Ao sul o inimigo atacou as nossas posições de Pitres com fogo nutrido de espingardas e metralhadoras. Ao sul do Telo as baterias nacionalistas atacaram as nossas posições de El Cerpillo. As nossas tropas efectuaram reconhecimentos na Serra de Avila e na

Informações de Valencia

VALENCIA 12.—O ministerio da Demargem direita do Guadaleix.—(H.).

A GUERRA CIVIL EM ESPANHA



Os jovens falangistas, orfãos da guerra espanhola, que se encontram actualmente em Roma, acolhem Mussolini de braço estendido

fesa Nacional anunciou que se acentuam os sintomas de decomposição entre os nacionalistas. No sul houve ontem canhoneio; ouviram-se tiros de espingarda e metralhadora no interior das posições nacionalistas da Serra Elvira, Albolote e Pinospuente. A aviação nacionalista bombardeou um local onde se ouvia o fragor duma batalha.

Em Teruel ouviram-se ante-ontem, uma fuzilaria intensa e explosões de morteiros, durante 40 minutos. Ontem, desde a madrugada até ás 10 e 50, ouviram-se canhoneios na região a noroeste de Torriente. Mais tarde ergueram-se colunas de fumo no vale de Frias, onde as forças nacionalistas travaram, ao que parece, um combate encarniçado.—(Havas).

Deram-se em Cartagena graves desordens

PARIS, 12.—O posto emissor Radio San Sebastian regista as desordens sérias que se produziram em Cartagena devido á prisão de varios anarcosindicalistas. As massas manifestaram-se contra o chamado governo de Valencia. Dois batalhões da guarda republicana foram enviados para os locais onde houve desordens para restabelecerem a ordem. Trocaram-se tiros. Dum lado e doutro registaram-se mortos e feridos. Receiam-se novas de-

O ACHADO DUM CADAVER

ao largo de Espinho

ESPINHO, 12. (Pelo telefone).—Até agora não foi possível reconhecer a identidade do cadaver recolhido pelo barco de carga dos Carregadores Açoreanos «Corte Real», a 30 milhas a noroeste da costa de Espinho, em adiandado estado de decomposição, e que ontem foi desembarcado daquele vapor para uma lancha que o trouxe para esta vila.

O morto aparenta ter 40 a 45 anos e tem 1 metro e 60 de altura. Vestia ceroulas brancas de popeline, com as iniciais J. C. C.

Não só pelo estado do cadaver, mas pelo local onde foi encontrado, presume-se que não seja do engenheiro-aviador Abel Pessoa, nem do advogado dr. Albano Matos Cid, mortos no desastre do avião «Aguia Branca II».

Não se sabe se terá fundamento a hipótese de se tratar do corpo dalgum dos dois passageiros do engenheiro-aviador Abel Pessoa, que naufragou á saída de Leixões, no dia 30 do mês passado: o estivador Joaquim Ferreira de Castro, ajudante de «chauffeur», e o subdito italiano Corrado Sellar.

sordens, provocadas por extremistas.—(D. N. B.).

Um desmentido de Largo Caballero

VALENCIA, 12.—A «Correspondencia de Valencia», órgão da U. G. T., publica um desmentido de Largo Caballero ás declarações publicadas num jornal francês.

«As declarações que me atribuem são absolutamente falsas. Não falei, com qualquer jornalista, nacional ou estrangeiro. Essas declarações apócrifas não me impedirão, porém, de falar quando julgar necessario e direi tudo o que tenho a dizer».—(Havas).

Durante um combate naval, os nacionalistas tomaram por vermelho um navio inglês

LONDRES, 12.—Quando na quarta-feira se travava um combate naval entre dois navios nacionalistas e o contra-torpedeiro governamental «Ciscar», perto de St. Jean de Luz, caiu uma granada, disparada por um dos barcos nacionalistas, perto do contra-torpedeiro britânico «Fox-Hound», que cruzava naquelas paragens. O navio de guerra inglês não sofreu, porém, o menor dano. Parece que os navios de Franco o tomaram por um barco governamental. O comandante da segunda esquadriha

Um crime militar

BAGDAD, 12.—Um soldado assassinou a noite passada, no aerodromo de Mossul, o general Bekir Sidol, chefe do estado-maior general do exercito, e o major Mushammal Ali Jawad, comandante da aviação do Irak.—(Havas).

DESASTRE MORTAL

Dum prédio em construção na avenida Afonso III, á Portela de Sacaven, caiu dum andaime um servente de pedreiro que aparenta 45 anos de idade e que apenas se sabe chamar-se Tito. Conduzido ao hospital de S. José, chegou ali já morto.

PAQUETE «NJASSA»

Partiu hoje neste vapor das linhas alemãs de Africa a Ex.^{ma} sr.^a D. Clara Bartscher, representante da juventude alemã feminina em Portugal, que foi chamada para Berlim, onde exercerá uma importante função nesta organização. Assistiram á partida representantes do consulado alemão e do partido nacional-socialista.

Barbosa & Costa L. da

Grandioso sortido de carpetes nacionais e estrangeiras das melhores qualidades e do mais fino gosto, a preços convidativos.

Largo R. Bordoal Pinheiro, 7 a 11
Telefone 23562

RETIRO DA SEVERA

R. Antonio Maria Cardoso, 1
NOITE DA M. DA

A actriz Herminia Silva e as artistas Berta Cardoso, Maria do Carmo Torres, Alfredo Marceneiro, Xavier Pinto (Rouxinol do Minho) e Joaquim Seabra.

MOBILAS DA GRANJA

Se V. Ex.^a val mobilar a Casa visite primeiro as n.^{as} exposições de mobílias e tapeçes, onde encontrará sempre os mais belos modelos, C. Sacramento, 6 (ao Chiado) Lisboa

ções no Norte uela frente

inglesa de cruzadores recebeu instruções para informar as autoridades navais nacionalistas do incidente e pedir-lhes que de futuro os navios de guerra nacionalistas procedam com a devida cautela. — (Havas).

O caso do bombardeamento do «British Caporal»

LONDRES, 12.—Os jornais confirmam que se continua a esperar a resposta de Franco ao protesto contra o bombardeamento do «British Caporal». Crêem, geralmente, que Franco não poderá defender na resposta a tese de que se tratava de aviões soviéticos desfarçados, como se julga que era sua intenção.

O «Daily Herald» diz constar-lhe que esta mudança de atitude derivou de uma iniciativa das autoridades de Palma de Maiorca, as quais, respondendo directamente ao protesto do almirante britânico Wells, admitiram, com efeito, que os aviões agressores estavam sob as suas ordens pondo assim o governo de Salamanca em embarracos, tanto mais que a resposta ao governo inglês estava já preparada num sentido inteiramente oposto. O mesmo jornal diz que Franco, agora, deverá reconhecer que se trata dum erro de identificação, tendo os aviões nacionalistas tomado os barcos bombardeados por navios republicanos. — (Havas).

LONDRES, 12.—De Gibraltar informam á Reuter: «Passou esta manhã no estreito de Gibraltar o navio petroleiro britânico «British Caporal», com rumo a Inglaterra.» — (Havas).

Prisão dum empregado dos correios de Marselha

MARSELHA, 12.—Foi preso, em flagra de delicto, um empregado dos correios, em Marselha, que desviava certos telegramas cifrados dirigidos a Valência. Chama-se Adrien Sentenac. Confessou o crime e indicou como cúmplices indivíduos, que servem, ao que se julga, os nacionalistas espanhóis. Crê-se que as suas indicações permitiram o ataque pelos nacionalistas, ao largo de Crau du Roi, de três navios de carga espanhóis. — (Havas).

Elementos argentinos que auxiliam os governamentais espanhóis

VALENCIA, 12.—Encontram-se em Valência, actualmente, três membros do «comité» argentino pró Espanha republicana. Têm por missão estabelecer o plano racional do auxilio a Espanha. Este plano estabelecer-se-á da seguinte

1.º—Fazer com que os viveres, que actualmente chegam pouco a pouco, sejam enviados em grande quantidade; 2.º—Estabelecer um programa nacional e internacional para unificar os organismos populares de auxilio á Espanha no mundo inteiro; 3.º—Alargar as bases de assistência mutua para que os socorros sejam dirigidos não só para aqueles que simpatizam com a causa democratica, mas também para aqueles que têm parentes ou vivem na zona leal; 4.º—Proceder de maneira que não sobrecarreguem de modo algum as finanças do governo espanhol; 5.º—Uma vez aceito o plano, os delegados ficarão á disposição do governo espanhol. — (Havas)

O Canadá e a não-intervenção

OTTAWA, 12.—Publicou-se um decreto que obriga as pessoas que solicitam passaportes para Espanha a assinar uma declaração especial de não-intervenção. A concessão de passaportes, aliás, é limitada aos homens de negócios, jornalistas e médicos. — (Havas).

Retiro da Severa (Cine-Rex)

Rua da Palma

Adelina Silva
Judite Pinto
José Tovar
Jacinto Pereira

ENTRADA FRANCA

A CONTAS COM A POLICIA

Roubo de documentos que motiva duas prisões

Ha cerca dum mês desapareceram dos escritórios da Empresa Estoril Plage determinados documentos de importancia e a fotografia duma carta enviada ao administrador do concelho de Cascais, sr. capitão Antonio Cardoso, que, por essa altura, recebeu uma carta anonima na qual se faziam varias acusações áquella Empresa.

Este misterioso roubo fez sensação, tendo sido, pode dizer-se, «ferozmente» discutido em varios meios.

O sr. Guilherme Cardim, na sua qualidade de director delegado daquella Empresa, pediu ao sr. administrador do concelho de Cascais, que requisitasse á Policia de Investigação Criminal dois agentes, a fim de descobrirem não só o autor do desvio dos documentos, bem como o autor da tal carta anonima.

Em 26 do mês findo, iniciaram-se as investigações policiaes, sob a direcção do sr. dr. Eurico Serra, adjunto da P. I. C., tendo sido escolhidos para essa missão os agentes José Lourenço e Baldy Belem. Sem resultado apreciavel, foram ouvidas varias pessoas, sob a suspeita de estarem implicadas no desaparecimento dos documentos.

Ao cabo de laboriosas investigações, os agentes prenderam o ex-inspector geral da Estoril Plage, sr. Inocencio Rodrigues Gonçalves, e o escrivão das Execuções Fiscaes, sr. Manuel Joaquim Recio.

Ao principio negaram terminantemente ser os autores da carta anonima, bem como do furto de documentos.

Levantaram-se, porém, duvidas, no espirito do sr. dr. Eurico Serra, motivo por que reconheceram, incomunicaveis, ao Toren.

Após um novo interrogatorio, o antigo inspector sr. Inocencio Rodrigues Gonçalves declarou que fôra ele quem furtára os documentos, bem como a carta, cuja fotografia enviára ao sr. administrador do concelho, quando o demetiram da Estoril Plage. Acrescentou que, de combinação, com um advogado do Estoril, mandára tirar varias provas fotograficas da tal carta que remetera ao sr. administrador de Cascais, com um relatório, onde se faziam as acusações a determinadas entidades. As fotografias foram vistas por varias pessoas residentes no Monte Estoril.

Ouvindo o advogado visado, este declarou que, de facto, havia visto a carta e a sua fotografia, mas que ignorava que ela tivesse sido furtada.

O sr. Manuel Joaquim Recio declarou que tomara o compromisso de honra com o referido advogado e o Inocencio que nunca, revelaria a proveniencia dos documentos. Numa busca passada em casa do referido advogado, foram encontrados os clichés da fotografia.

A Policia apreendeu a um dos presos mil e tantos documentos furtados. O furto destes documentos, segundo affirmam os presos, era para eles exercerem «chantage» junto da Estoril Plage, ou alcançarem os lugares de directores da referida Empresa.

O preso Joaquim Recio teve um acto desvalizado no calabouço, cuja execução, felizmente, foi impedida a tempo.

A toponimia de Lisboa

A Camara Municipal de Lisboa, atendendo os numerosos pedidos de entidades officiaes e particulares para que se modifiquem determinadas denominações toponimicas da capital, e a vantagem de regressar, em certos casos, ás antigas denominações, e a justiça de prestar homenagem a algumas figuras e entidades nacionaes merecedoras de consagração, resolveu hoje que voltaria a ter a nomenclatura tradicional as ruas de Serpa Pinto, travessa do Guarda-Mór, rua dos Anjos, rua das Trinas, rua de S. Lazaro, largo de Santa Barbara e largo do Calvario. A rua do Mundo, passa a ser rua da Misericórdia; e de 14 de Maio, rua do Cais de Alcântara. O largo do Poço Novo passa a denominar-se largo do dr. Antonio de Sousa de Macedo; e a avenida 14 de Maio a avenida Coronel Galhardo.

O Senado americano autorizou a exportação de helio

WASHINGTON, 12.—O Senado aprovou por 37 votos contra 2 o projecto de lei que autoriza o governo dos Estados Unidos a exportar helio para necessidades comerciais, em tempo de paz, e lhe dá o monopólio da respectiva exploração. O projecto foi enviado para a Camara dos Representantes. — (H.).

Antigo Solar da Alegria

P. Alegria, 56—Tel. 2 4290
HOJE—A actriz Maria do Rosário, Madalena de Melo, Manuel Cascais, Filipe Pinto e Martinho de Assunção, concertista de viola
CONSUMO: 2\$50.

Vão realizar-se eleições



O sr. ministro do Interior reuniu hoje no seu gabinete os representantes dos jornais diários de Lisboa e Porto, a quem expôs os trabalhos que vão anteceder as eleições para as juntas de freguesia e o alto significado que esse acto vai ter para a politica constitucional do Estado Novo. O sr. dr. Mario Pais de Sousa annunciou que na proxima semana iniciará as suas visitas de propaganda, a começar pelo distrito de Beja. A reunião assistiu também o director geral dos Serviços de Censura á Imprensa, sr. major Salvação Barreto

As manobras do exercito italiano



Carros de assalto, ao atravessar uma ponte, protegidos por cortinas de fumo

O Pão

Os Industriais de Panificação Independentes desta cidade, ao tomarem conhecimento do que, na imprensa, se tem noticiado ácerca do emprego de ingredientes na manufactura do pão, não podem deixar de, por agora, se manifestar no sentido de garantir ao publico, certamente alarmado por algumas declarações, que elas são insubsistentes e a admitir-se a hipotese da veracidade das mesmas, a percutagem a que se tem aludido há-de, necessariamente, ser resumidissima, de dois ou três por cento, se tanto, como se há-de verificar, por certo, pela investigação rigorosa a que a autoridade está procedendo.

Lanches para casamentos
PATISSERIE VERSAILLES

NO 2.º BATALHAO DA G. N. R.

inaugurou-se uma sala de sargentos

No quartel da 5.ª companhia do batalhão n.º 2 da G. N. R., na Ajuda, realizou-se hoje a inauguração official duma sala de sargentos que deu ensejo a uma homenagem aos srs. general Farinha Beirão, comandante geral, coronel Pestana Lopes, comandante do batalhão, capitão Francisco Augusto da Cunha, comandante da companhia e officiaes subalternos que ali prestam serviço.

Com a assistência dos srs. coronel Passos e Sousa, major Cardoso do Amaral—que representavam, respectivamente, os srs. general Farinha Beirão e coronel Pestana Lopes—e varios officiaes e sargentos das diversas unidades da Guarda, foram descerrados, no gabinete do comandante da companhia os retratos dos srs. Farinha Beirão e Pestana Lopes—que estavam cobertos pela bandeira nacional.

O sr. capitão Augusto da Cunha fez o elogio daqueles dois officiaes superiores, em nome dos quaes agradeceu o sr. coronel Passos e Sousa.

Seguidamente, foi inaugurada uma sala para descanso e recreio dos sargentos com biblioteca, mesas de jogos, etc., sendo descerrados os retratos dos srs. capitão Francisco Augusto da Cunha e dos tenentes Raul Martins da Costa, Salvador Antonio Junior, Manuel Anacleto Pereira e Antonio Manuel Durana.

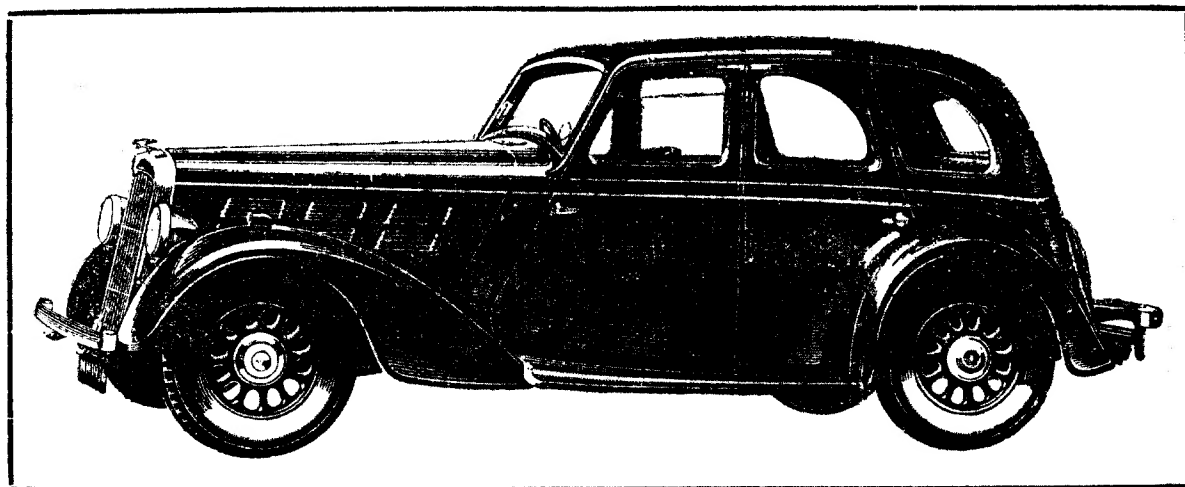
O primeiro sargento João Machado agradeceu, em nome dos sargentos, aquele melhoramento. Seguiu-se um lanche, no fim do qual se trocaram affectuosos brindes.

F O R T E X
para o esgotamento intelectual

MORRIS

APRESENTA

**um nôvo 12 H. P. equipado com
caixa de 4 velocidades**



Maior rendimento de marcha

Menor consumo

Menor esforço para o motor

**O carro que maior confiança deve inspirar ao
comprador verdadeiramente entendido**

Conduites a 29, 30 e 31 contos

DISTRIBUIDORES GERAIS
A. M. ALMEIDA L.^{DA}
Rua Escola Politécnica, 39-39 A
LISBOA

AGENTES NO NORTE
LOPES CARDOSO L.^{DA}
Av. dos Aliados, 210
PORTO

AUTOMOVEIS — MOTOS

Comprim-se ou aceitam-se para venda entregando-se logo parte do seu valor. Facilitam-se as vendas por nossa conta.

AUTO PALACIO
Avenida Duque de Avila, 30

ESTRANGEIRO**CAMPOS & C.^a**

Vila Nova de Gaia
— os melhores —
VINHOS DO PORTO

Um processo contra Greta Garbo

e a generosidade da grande vedeta
ESTOCOLMO, 12. — Teve o seu epílogo o processo intentado pelo empresário sueco Schratter contra Greta Garbo, exigindo uma importância correspondente a dez mil dólares, que afirmava ter-lhe emprestado, quando a grande artista começou a sua carreira de atriz cinematográfica. O tribunal negou todo o fundamento ao processo, mas Greta Garbo, sabendo que o homem que a pretendia expoliar lutava com grandes dificuldades, ofereceu-lhe espontaneamente aquela soma. — (Americana).

A morte do arcebispo de Sevilha

Realiza-se amanhã o funeral

SEVILHA, 12. — Amanhã de manhã realiza-se o funeral do arcebispo de Sevilha. As tropas da guarnição desta cidade prestarão as honras militares ao longo do percurso. O general Quijano de Llano representará os chefes do Estado. Assistem igualmente ao funeral o cardeal Primaz de Espanha e numerosos bispos. O cadáver do arcebispo está exposto numa capela ardente armada no salão do palácio arqui-episcopal. A multidão desfilou ontem ininterruptamente perante os restos mortais do arcebispo. — (Havas).

A DEFESA DA GRAN-BRETANHA

O êxito completo das manobras aéreas
LONDRES, 12. — A segunda parte das manobras aéreas, que fôra adlada por 24 horas, devido às condições meteorológicas desfavoráveis, efectuou-se, na noite de ontem para hoje, com a participação de trezentos e quarenta aviões. Segundo o que se constatou até agora, os exercícios terminaram por um êxito completo das forças de defesa, que foram favorecidas por uma visão excelente até dez quilómetros de distância. — (D. N. B.).

NA RUSSIA SOVIETICA

Mais condenações por trozkismo
VARSOVIA, 12. — Segundo informa o jornal soviético «Wostotchno Sibirshaja», o supremo tribunal marcial da Rússia condenou à morte mais setenta e dois funcionários do caminho de ferro da Sibéria Oriental por trozkismo, espionagem e actos de sabotagem. Os condenados foram executados já. Como nas sentenças precedentes a Imprensa moscovita não se refere a estas novas condenações e execuções. — (D. N. B.).

MASQUE VINTAN
20
"cosas
meias"

30° À SOMBRA!!!

O calor deprime-vos?
Sentis a pele flácida?
A MASQUE VINTAN,
vos refrescará e rejuvenes-
cerá em 15 minutos.
O MELHOR REGENERADOR DA EPIDERMIE.
CONSULTE O VOSSO PERFUMISTA.
É UM PRODUTO DA PARFA
S. A. — ZÜRICH

A divisão da Palestina

As resoluções do Congresso Sionista da Zurique

LONDRES, 12. — A decisão do Congresso Sionista da Zurique sobre o plano de divisão da Palestina ocupa particularmente a Imprensa londrina, que não dissimula a sua decepção por ver as propostas britânicas serem repelidas pelos sionistas.

Os jornais guardam no entanto certa esperança de que uma forte minoria se tenha pronunciado a favor das propostas britânicas.

O «Daily Telegraph» considera a resolução conciliadora, mas não crê que um acordo judeu-árabe sobre o prolongamento do mandato actual seja possível. O futuro fará os árabes e os judeus reconhecerem que a divisão da Palestina é inevitável. O governo britânico ainda não fixou, de resto, a sua atitude definitiva, mas elaborou um plano que corresponde às directrizes gerais traçadas pelo alto «comité» da Palestina.

O «Times» exprime um certo optimismo e antevê a possibilidade de continuarem as deliberações e de se chegar a um acordo.

O «Morning Post» qualifica de lamentável a resolução do Congresso e acusa o judaísmo mundial de não ter a mais pequena visão. As esperanças de ver o problema resolvido rapidamente diminuíram consideravelmente. Os ataques do Congresso de Zurique contra a Gran Bretanha, na qualidade de potência mandatária, constituem verdadeiras ofensas para a Inglaterra. Embora sejam infantis, constituem a expressão duma grande ingratidão. — (D. N. B.).

NOTÍCIAS DO BRASIL

Construção duma ponte

RIO DE JANEIRO, 12. — Está a ser estudada a construção de uma grande ponte, que ligará a ilha do Governador, na Guanabara, ao continente. — (Americana).

Morte dum general

RIO DE JANEIRO, 12. — Faleceu o general Arnaldo de Sousa Pais de Andrade, que até há pouco, ocupou o cargo de chefe do Estado Maior do Exército. — (Americana).

Aproveitamento de regiões incultas

RIO DE JANEIRO, 12. — Os ministros da Viação, da Agricultura e do Trabalho elaboraram um projecto para o melhor aproveitamento das zonas ainda pouco povoadas ou relativamente incultas, existentes à beira das linhas férreas brasileiras. — (Americana).

Um protesto contra a expulsão do correspondente do «Times» em Berlim

BERLIM, 12. — A assembleia geral da Imprensa estrangeira em Berlim aprovou, por unanimidade, a seguinte resolução:

A Associação de Imprensa estrangeira em Berlim, reunida em assembleia extraordinária, constata, com desgosto, que o governo do Reich ameaçou de expulsão o correspondente do «Times». A assembleia protesta, em princípio, contra toda a expulsão ordenada por qualquer governo contra um correspondente estrangeiro, baseada apenas na sua actividade jornalística. — (D. N. B.).

Dr. Alvaro Campos

Clinica medica, diatermia, ondas curtas e extra-curtas (fisioterapia) raios infra-vermelhos, raios ultra-violetas e ar quente, Consultorio e residencia:
R. das Picóas, 74, 2.º, Dt.º — Telef. 47441

Restaurante Clementina

Tem V. Ex.ª a familia fora?
Almoçar nesta casa é ter a certeza de ser bem servido. Almoços em series de 6 e 12, ou mensalidade. Rua Jardim do Regedor, 37, 1.º — Telef. 2 4669

O MOMENTO INTERNACIONAL

Enquanto se aguarda o anunciado discurso de Mussolini

PARIS, 12. — Aguardando o proximo discurso de Mussolini, em Palermo, a Imprensa faz conjecturas sobre as novidades que ele trará á politica internacional.

O «Echo de Paris» crê que «as propostas de Palermo, se não se reduzirem a vagos protestos, marcarão o inicio de possíveis negociações, se não forem tomar lugar ao lado de muitas outras declarações sensacionais esquecidas». E acrescenta: «Depois que tentou obter da Alemanha uma previa declaração de solidariedade, antes de se lançar mais a fundo na questão de Espanha, o protector da Espanha sofreu uma recusa delicada, e viu-se obrigado a tentar uma aproximação com Paris e Londres». O «Echo de Paris» mostra-se, no entanto, céptico quanto ás possibilidades de se conseguir um resultado favorável.

«L'Epoque» escreve: «Os nossos vizinhos não estão ainda bastante fortes para afrontarem parte do mundo. Por outro lado a Italia sabe bem que não pode desviar os olhos de Brenner. O maior perigo, para ela, no caso de formar vastos planos imperiais, consistiria em ver a onda germanica estender-se na Europa Central e espanhar-se, cedo ou tarde, nas suas planícies. O Duce compreendeu o perigo. Por isso, tenta aproximar-se da França e da Inglaterra». — (Havas).

As preocupações de Eden

LONDRES, 12. — Eden, que está a descansar na praia de Dorset, regressará a Londres na proxima semana. Tratará de assuntos que se prendem com a reunião do Conselho da S. D. N., que se realiza em setembro, á qual assistirá. A continuação dos trabalhos da comissão de não-intervenção e os preparativos para as conversações anglo-italianas constituem duas das principais preocupações do ministro dos Negocios Estrangeiros da Gran Bretanha. — (Havas).

As democracias e os Estados ditatoriais podem colaborar eficazmente

LONDRES, 12. — O «Times» publicou, recentemente, uma carta, cujo autor pedia que se respeitasse reciprocamente os diversos sistemas governativos em vigor na Alemanha e na Inglaterra. A mesma opinião aparece expressa numa carta que o conhecido historiador Trevelyan dirigiu ao «Times», na qual diz que as democracias e os Estados ditatoriais podem muito bem entender-se e colaborar eficazmente. De resto, deve recordar-se que o nacional-socialismo alemão é o resultado da injustiça das potencias aliadas, compreendendo a Gran-Bretanha, injustiça de que todas deram prova em Versaíles.

O autor desta carta põe também em relevo a loucura da clausula da culpabilidade alemã. Ele propõe que se não discutam mais os acontecimentos do ano de 1914, mas que se reconheça francamente tudo o que na Alemanha ha de grande e digno de estima. — (D. N. B.).

Conversações germano-austro-hungaras

BERLIM, 12. — Prevêem-se para o fim desta semana conversações germano-austro-hungaras. Von Neurath, Guido Schmidt e Doranyi, a quem se juntará de Kania, devem encontrar-se na estação termal austriaca de Bad Gastein. — (Americana).

MAURICIO

MOBILIARIO E DECORAÇÕES

Distinção e Gosto

Rua Augusta, 240, 1.º

Tel. 2 8229

AOS AMADORES

marcas há muitas, mas «KODAK» é a unica que satisfaz o amator verdadeiro exigente. Vende-se a prestações de 4000, com bonus na Papelaria Gomes & Rodrigues, Lda, Largo de D. Estefania, 17-21, LISBOA — Telef. P. B. X. 4 1147.

Afundou-se em Napoles

um navio-hospital italiano

NAPOLES, 12. — O navio-hospital «Helouan», que estava ancorado ao largo do molhe de Luigi Razza, afundou-se ás 8 e 30, em consequencia dum incendio que se declarou a bordo durante a noite. Os 150 homens da tripulação desembarcaram, mas foi preciso empregar a força para que o comandante deixasse o navio. Parece que a causa do incendio foi um curto circuito. Foi preciso afundar o «Helouan» para que o fogo não alastrasse a outros navios que se encontravam nas proximidades. O vapor sinistrado estava dotado de instrumentos de cirurgia modernos. Chegara a Napoles, havia dez dias, vindo da Africa Oriental. — (Havas).

A CORRIDA DOS ARMAMENTOS

Novos contra-torpedeiros argentinos

BUENOS AIRES, 12. — Os meios oficiais dizem que o governo vai decidir a construção de mais 8 contra-torpedeiros. — (Havas).

Reforços para a esquadra americana

WASHINGTON, 12. — O ministerio da Marinha encomendou a duas empresas particulares a construção de quatro contra-torpedeiros de 1.600 toneladas. O seu custo será de quatro milhões e novecentos e cinquenta e quatro mil dólares. — (D. N. B.).



A ponta da lingua revelará
a sua suavidade... a vossa
garganta dirá que eles são
CRAVEN "A"
CIGARROS 100% VIRGINIA
Especialmente fabricados para evitar afecções de garganta
CARRERAS, LTD. LONDRES
150 anos de reputação, pela sua magnífica qualidade

ELIMINE OS PELOS

COM

A LUVA DEPIILATORIA

SENHARIGILO

Processo moderno
Eficácia absoluta

Fazem-se demonstrações

A venda nas boas casas

DISTRIBUIDORES:

VIALIS, L. DA

R. Figueiros, 62, 1.º, E.

LISBOA

Tel. 29434.

Por 5\$00

semanais todos podem adquirir relógios,
joias e pratas, com bonus pela lotaria.

Peixoto & Jardim, Lda

Rua da Palma, 14-16-Telef. 2 8582

Quere a sorte grande?
Habilite-se na Tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

Supersom
RADIO
O melhor receptor
Rua da Conceição, 35, 1.º

ULTIMAS NOTICIAS

HOTEL MIRAMAR
MONTE ESTORIL
Hotel Costa Sintra

A GUERRA NO EXTREMO-ORIENTE

As tropas japonesas travaram os primeiros combates com as forças do exercito central chinês

O ataque japonês a Nan-Kao

TOQUIO, 12. — As tropas japonesas que atacaram esta manhã Nan-Kao partiram das bases ocupadas ontem, à tarde, perto de Pung-Hu-Tai. O assalto foi precedido por tiros de barragem da artilharia de campanha, cujo primeiro objectivo foi a passagem de Nan-Kau-Chen, proximo da cidade, cuja posse é considerada importantissima pelo comando nipónico, pois domina o acesso à Grande Muralha. A posição chinesa é defendida por uma brigada da 89.ª divisão do exercito do centro. O comando geral da Uang-Chun está sob o controle directo de Chang-Kai-Chek. Esta brigada foi enviada para o Norte durante o inverno de 1936 para reforçar as tropas locais do Sui-Yuan, que lutam contra os insurrectos da Mongolia interior. — (Havas).

O impeto japonês depara com uma formidável resistência chinesa

CHANGAI, 12.—800 homens da 8.ª divisão chegaram às 11 horas à estação norte de Changai. Encontra-se suspenso todo o tráfego ferroviário. Os comboios são obrigados a parar em Nan-Siag, vinte quilómetros a noroeste desta cidade. Durante o dia efectuaram-se operações secundárias e movimentos de tropas ao longo das linhas ferreas de Pequim a Han-Kou e de Tien-Tsin a Pu-Kou. Um violento ataque japonês contra Nan-Kao malogrrou-se perante a vigorosa resistência dos chineses. A pesar do auxilio da artilharia e da aviação, os japoneses não conseguiram apoderar-se da cidade. As perdas são elevadas de ambos os lados. Segundo a «Central News» estão concentradas ao norte do Chahar três divisões japonesas. Uma quarta divisão chegou à provincia do Jehol e dirige-se para o Chahar. — (Havas).

Comunicado do estado maior japonês de Tien-Tsin

TOQUIO, 12.—O estado maior da guarnição japonesa de Tien-Tsin anuncia que uma força chinesa, num total de 500 a 600 homens, atacou, às duas horas, Liang-Sing, que fica a 20 quilómetros ao sul de Pequim. Os chineses utilizaram um comboio blindado e canhões de trincheira. As 5 e 30 os japoneses tinham repellido completamente o ataque. Estes tiveram dois soldados mortos e 19 feridos. Os mortos chineses são em numero de cem. Além disso, as tropas japonesas da guarnição de Pequim limpam completamente a região que fica a nordeste de Pequim. Os japoneses dispersaram os restos do 29.º exercito que se tinham refugiado em Saqho. — (Havas).

Uma victoria chinesa

CHANGAI, 12. — De Na-Kung-Pao informam que as tropas chinesas alcançaram uma victoria na região de Nan-Kao. Parece que as guardas avançadas chinesas alcançaram Sa-Ho, que fica vinte quilómetros a sudeste de Nan-Kao. — (Havas).

Um ataque chinês, repellido

TOQUIO, 12.—Um telegrama de origem japonesa de Tien-Tsin, diz que os nipónicos repelleram, ontem de tarde, um ataque chinês proximo de Tuh-Liu-Chen, a 40 quilómetros a Sudoeste de Tien-Tsin, no caminho de ferro de Pu-Kou a Tien-Tsin. Os chineses retiraram para o sul, abandonando 80 mortos. A guarnição japonesa de Tif-Sin anunciou que Nan-Kao seria hoje tomada ao meio dia. O ministro da Guerra comunicou ao principe Konoye o inicio das hostilidades com o exercito do Centro, proximo desta cidade. O presidente do Conselho e o ministro conferenciaram a este respeito secretamente durante uma hora. — (Havas).

Estado de sitio em Changai

CHANGAI, 12.—Foi proclamado o estado de sitio no territorio de Changai. — (Havas).

TIENT-TSIN, 12.—A Domei informa que começaram na Grande Muralha nos confins de Cha-Har, os primeiros combates entre o exercito japonês e as tropas chinesas. O canhoneio durou todo o dia. As autoridades chinesas deram ordem a todos os estrangeiros para que evacuassem Kalgan. — (H.).

TOQUIO, 12.—A Agencia Domei dá conta dos primeiros recontros entre tropas japonesas e o exercito central chinês. As forças chinesas, que se entrincheiraram perto do monte Nankao, constavam de três regimentos da 89.ª Divisão. O equipamento dessas tropas é excelente; dispõem dum grande numero de canhões. Elementos da 89.ª Divisão chinesa avançam agora para leste, em direcção à fronteira de Cha-Har, ao longo do caminho de ferro. O total dos efectivos chineses concentrados na região de Kalgan-Chahar, anda por quatro divisões. O resultado definitivo dos recentes combates pela posse do monte Nankao ainda não é conhecido.

A mesma agencia fez saber que a acção de limpeza empreendida pela guarnição japonesa da China do Norte, em Pequim e no distrito de Tien-Tsin, continua activamente. Todas as vias de comunicação foram limpas de tropas do 29.º exercito; no entanto, certos elementos ainda se encontram em certos distritos cujo acesso é mais difficil.

Em Changai a tensão atinge o maximo. Até agora ainda se não deu seguimento ao pedido das autoridades japonesas para se retirarem as tropas chinesas de segurança que se encontram em volta da concessão japonesa. Também as fortificações de campanha chinesas não foram destruídas, como tinha sido pedido pelos japoneses. — (D. N. B.).

Um combate encarniçado que durou cerca de dez horas

TOQUIO, 12.—Segundo um telegrama de origem japonesa, datado da China do Norte, travaram-se batalhas encarniçadas em Tchen-Gho-Tchen, a vinte quilómetros ao norte de Pequim, nos dias 27, 28 e 29 de julho. As tropas japonesas fizeram varios assaltos para se apoderarem das posições chinesas. Os japoneses tiveram uma centena de mortos e os chineses 600. Os soldados japoneses, depois de marchas forçadas, foram surpreendidos pelos chineses e atacados a tiro de metralhadoras e de canhões de trincheira. A artilharia japonesa ripostou imediatamente, mas a infantaria não pôde progredir visto que as tropas chinesas se encontravam solidamente entrincheiradas e contra-atacaram furiosamente. Os japoneses tiveram de travar varios combates corpo-a-corpo e os chineses só se retiraram depois duma luta encarniçada que durou umas 10 horas. — (Havas).



A fim de evitar epidemias, os japoneses queimam os cadáveres dos soldados que morrem em combate contra os chineses

Uma divisão chinesa dirige-se a Changai

CHANGAI, 12.—Sabe-se que a 77.ª divisão chinesa se dirige d Su-Tchu sobre Changai. Prevê-se que os japoneses não tolerarão esta medida, que infringe o acôrdo de 1932. — (Havas).

Pânico entre a população chinesa

CHANGAI, 12.—A população chinesa dos bairros setentrionais da cidade foi tomada de pânico ao saber que tinham começado as hostilidades. O consul geral britânico convidou os seus compatriotas a abandonarem as suas habitações, que ficam nessa parte da cidade. Sete contra-torpedeiros japoneses deixaram Changai depois de terem desembarcado algumas forças. As tropas

de desembarque dirigiram-se para a baía de Woorung, onde, segundo se diz, está ancorado um porta-aviões japonês. Outros cinco contra-torpedeiros japoneses chegaram para desembarcar novas tropas. — (D. N. B.).

Os japoneses preparam uma demonstração de força em Changai?

LONDRES, 12.—De Changai informam a Reuter:—Os navios de guerra japoneses, recentemente chegados, trouxeram grande quantidade de munições e de viveres. Changai tem, actualmente, a aparência duma base naval japonesa. No porto encontram-se quatro cruzadores e oito contra-torpedeiros e fora dele vêem-se ancorados mais doze navios de guerra do Japão.

Continua o exodo da população civil dos distritos ameaçados pelos japoneses. As autoridades japonesas rodeiam os seus preparativos de misterio. Certos círculos creem contudo na possibilidade de uma grande demonstração de força na propria cidade de Changai e não na China do Norte. No caso de victoria, os japoneses poderiam impor as suas condições com mais possibilidades de êxito. Estão suspensos os serviços aéreos entre Changai e outras cidades da China. Estão ancorados no porto de Changai o condutor de flotilha britânico «Duncan» e um cruzador da mesma nacionalidade, assim como três navios de guerra franceses e dois americanos. — (Havas).

As reclamações nipônicas por causa do incidente de Changai

TOQUIO, 12.—As autoridades navais japonesas não desistem de que as autoridades chinesas solucionem a questão de Changai, dando satisfação ao Japão. Declaram, todavia, que as forças navais de Changai tomarão «as medidas necessárias para proteger a honra da nação e o seu prestígio», no caso de não serem aceitas as reclamações japonesas.

As reclamações nipônicas, de satisfação «provisória», compreenderiam: 1.º a evacuação dos gendarmes das imediações da colonia japonesa; 2.º a destruição das fortificações levantadas recentemente na zona desmilitarizada.

O «Asahi», em correspondência de Nanquim, diz que o governo chinês tenciona propor ao corpo consular o estabelecimento duma zona neutra na região de Changai. Anunciará, simultaneamente, a sua intenção de se opor às represalias japonesas pelas armas, mesmo em certas zonas de Changai, cujo acesso é proibido às tropas chinesas pelo armistício de 1932. O «Asahi» cre que as colonias estrangeiras são favoráveis à situação neutral de Changai. — (Havas).

Produziu-se um novo incidente?

CHANGAI, 12.—Parece que os efectivos japoneses disponíveis em Changai passaram de 3.000 para 9.000 homens. Corre o boato de que se produziu novo incidente em Pao-An-Tui no momento em que desembarcavam tropas japonesas a meia distancia entre Changai e Wusung. — (Havas).

As precauções da U. R. S. S.

BERLIM, 12.—Segundo notícias de Moscovo, via Riga, foram tomadas providencias militares no Extremo Oriente que equivalem à mobilização. Ha pouco foram suspensas as grandes manobras e todas as tropas recolheram as suas guarnições. — (Americana).

F O R T E X
para a perda de memoria

Victoria-Bar

(Parque Mayer)

Telef. 24025

Completamente remodelado,
reabriu ontem

com grande sucesso

DANCING !

Aberto toda a noite

Café Nicola

Serve a melhor cerveja, com aperitivos, tirada pelo processo mais moderno, a temperatura e pressão constantes. Pequenos almoços mais apetitosos com compota de fruto.

COMENTARIOS SIMPLES

PAGINA DE QUINTA-FEIRA

por NORBERTO DE ARAUJO

CRUEZA

A estrada que vai de Cacilhas á Costa—onze quilómetros justos—corta toda a area do concelho de Almada, dividindo a larga area em duas fachas, a do sul evidentemente muito maior.

Do lado norte, que encosta ao Tejo, e a começar do Monte de Caparica, ficam o Monte, com a antiga Fonte Santa, primitiva cabeça de freguesia—a Torre (do conde de Arcos) onde cantou, viveu e morreu Bulhão Pato, Porto Brandão, Banatega e uma infinidade de logarejos, Costas de Cão, Arieiro, Casas Velhas, Funxal, Pera, e a grande povoação da Trafaria, com a sua pequena mata nacional a morrer nas duas da Costa.

Do lado do sul da estrada, logo a começar da estúpida entrada de Lisboa, estreita rua e largo que se chama Cacilhas—horrible terminus de uma boa estrada internacional—ficam a Cova da Piedade, a Sobreda, ainda Casas Velhas e Arieiro, e logo a Charneca—nome que arde até ao pronunciá-lo—com uma rede enorme de logarejos que se prolongam até os pinhais de El-rei—as matas nacionais—e cujas redondezas de leguas morrem no Oceano, sobre o litoral alto que vai quasi da Costa, ao alto dos Capuchos até á Fonte da Telha e segue, já no distrito de Setúbal, até o Cabo do Espichel.

O concelho de Almada, com suas duas freguesias—de Caparica (esta enorme com o Monte, a Torre, a Charneca, Vila Nova e Costa, tudo «da Caparica» para distinguir os lugares de outros montes, torres, charnecas, e costas que ha por esse Portugal) e da Trafaria, mais civilizada e mais lisboeta—; o concelho de Almada, dizemos, teve riqueza, ainda possui grande categoria, está cheio de tradições, e salpicado de restos de palácios, restos de solares, restos de conventos, restos de abundancia, restos de nobreza, restos de historia...

Tenho passeado a area extrema do concelho, que se atrai para o Tejo, para o Oceano e para o Pí-nhal de El-rei, com as minhas pernas rijas—vamos com Deus!—, nas rijas—vamos com Deus!—, e com os meus olhos afeitos a estudar as cousas antigas e a considerar as cousas belas, que ainda as ha, a questão é não trazer sobre as palpebras um cortinado cinzento de pessimismo.

O contemplativismo nasce do isolamento, e do fundo maravilhoso verde pinhal, verde marinho e azul translucido, da terra, do mar e do céu—que chegam a dar a impressão de que são só nossos.

O homem que não tem nada—é dono do mundo.

* * *

A estrema litoral da Península entre Tejo e Sado, da parte do concelho de Almada, sobre a bacia da Costa aos prenúncios do Pí-nhal dos Medos e dunas movediças—é crua.

Esta crueza tem talvez o seu encanto, principalmente quando a caminhada se faz sem ser por castigo.

Mas a crueza da natura e das cousas—está á vista da alma, sem dissimulação possível.

A falesia doirada vai dos Capuchos—essa ruína dos arrabidos de Lourenço Pires de Tavora—até não sei onde: onde morre a escarpa e lhe chamam, os pescadores, a «ponta da rocha».

Para o interior ficam pinhais maneirinhos, campos de cepas, vales, outeiros e planícies, numa ondulação desconcertante, recamada de casinhas distanciadas, tudo envolto num aroma acre de resinas, ou em perfumes entontecedores de frutos.

O grande vale da Rosa—onde houve o convento deste nome—que acaba na Foz do Rego, boca do Oceano, foi um antigo esteiro ou

branco largo do Tejo, em prehistóricos tempos, ligando o Oceano, pelo delta confuso de Coia e Seixal, com o Tejo, na sua bacia mais larga; o vale da Rosa corta esta area na «sólheira sombria», absurdo que só aceita quem por ali transita, sob chapadas de sol duro, envolto na tristeza que fazem as lombas escarpadas, uma sombra, afinal, projectando-se da falesia de oiro sobre a sensibilidade amante de toda a luz.

Mas tomemos pelo pé posto da falesia.

* * *

Vista do mar, a falesia parece alinhada e recta; a falesia é, porém, toda em contornos de corte e de planta, com altos e baixos, retorçada de precipícios e de abismos.

A rocha—requeimada de mil estívais, gretada, mordida, sulcada de torrenciais de invernos velhos, convulsionada de sismos, hostil e insondável—dá a impressão, como as dunas, de ter sido removida de seculo em seculo, e de nunca ter estado quieta.

E' de oiro a passar a vermelho; um ouro que já foi cobre, e aqui e ali se aplatina de brancos crus, nos contornos onde a vegetação não cresceu, nem desceu o fogo líquido, mordente, que agarra a luz do sol.

Pizando-a, passo a passo, nos relevos maneirinhos que cem gerações de viajeros foram abrindo—pescadores, pelxeiros, hortelões, talvez frades e cavaleiros, escultas e vigias—, a falesia ameniza-se. A brisa do mar refresca, e o sol domesticase num leve assomo de ternura termica.

Mas aqui e ali abre as fauces; a pique sobre um abismo constante torna-se pastosa, terrifica, surpreendente de misterios.

Andando e estendendo a vista, tem para nós o aspecto ardiloso de um caminho de amores; dir-se-ia inocente.

Mas logo, como se os proprios incidentes do litoral fossem tratados caprichosamente em rendilhadas estufas de geologos, a falesia se decompõe num novo salto de abismo, recalcinado, agreste, traçoiteiro.

Longos, prolongados temporais choraram lagrimas de caudal pelas suas lombas arenosas e em cada sulco poderiam fazer cama alcáteas de lobos, se os lobos vivessem ao pé do mar.

Desses convulsionados estígmata afloram arbustos, eriçados tal pitheiras á margem dos caminhos adustos de Marrocos—que eu já vi—e de onde sorriem, abertos, umas especies de flor de cardos hostis, e que não tem outra maneira de saudar o sol.

A falesia, ora de oiro retinto, que não precisa do esforço literario para ser como é, ora de um cobre sujo, de tons de electrolize,

viscoso e absurdo—segue a prumo. Agora se afeiçoá no pizo e se torna infantil, logo se abisma e contorce, insatisfeita.

O mar—não lhe bate aos pés! Oh! Oceano, que fugiste da base da rocha inimiga! Lá em baixo, um tapete de horta, em lençóis verdes, rusticos de plantações maninhas, ainda defende a falesia do adormecido mar de dunas, que para lá se estende até á bague das ondas do mar verdadeiro.

Entre a escarpa alta e o Oceano ha uma terra de ninguém, com suas casas brancas agachadas, de cujos beirais se levanta o vôo dos pombos mansos, que chega á crista planado e sequioso e se agacha humilhado da grandeza.

Quem sabe se estas terras de castigo, que de alto parecem uma mancha de retalhos, toda de verdes sujos e de raras ramagens de amarelo torrado ou cor de rosa humido; quem sabe se estas hortas de areia trabalhadas á custa do suor de centenas de gerações condenadas não é outra coisa senão o desmoronar da falesia primitiva, que as picaretas dos seculos e dos cataclismos foram debastando!

Pelo pé posto, cá em cima, que carcomeu o zimbó e retalhou o mato, fica uma areia fina, a prender-nos as cardas, e apetece então, melhor, caminhar pela linha erizada, suspensa sobre o abismo.

Agora desce a falesia. Aproximamo-nos da Foz do Rego.

Uma macha, oasis de pinhal rasteiro e ralo, ameniza a pena voluntaria do passeio pela escarpa alta.

Merecemos o repouso. A cinquenta passos espreitam das folhas os cachos já em rubi das vinhas rasteiras, rebentados das areias, reluzentas de mica, e elas mesmo hostis, como a terra dos cemiterios.

Cada bago—é um confeito liquido de sol.

* * *

Descanço, e desço. De duzentos em duzentos metros para o interior oposto ao Oceano, encontra-se um casal.

A' crueza da natura selvagem, primaria, insensível sucede a crueza das vidas.

Ladram cães, desesperados de verem gente. E não se eleva um fumo. Bato a uma porta. Ninguem! Num cortelho espreitam pela rede cabeças de criação sequiosa. E nós não lhe levamos uma sede de agua!

Esta gente—trabalha, noutras terras, noutros infernos. Deixam o tugurio abandonado. As colheitas foram máx, e o proprietario das terras exige a renda. Vão buscala noutro sitio, que a terra é madrastra.

Lá consigo noutro casal encontrar gente. E um pucaro de agua. Oh felicidade! E a agua nem sei se é salobra, se é suja, se é agua de beber.

E' a agua que eles bebem. Parece-me finissima, «biologicamente pura», uma agua, como a do Val da Rosa, que ha quinhentos anos faz milagres e cura as mazelas das crianças, queimadas do mosquito.

E' sempre a mesma cousa: e raro é o trabalhador destas parcelas de terra, pelo interior dentro, até á Charneca, que seja o dono delas.

Trazem-nas de renda. Os senhores vivem longe; nem por ali aparecem senão quando eles se atraçam na paga.

E disto, deste isolamento, desta dependencia, desta miseria, mesmo quando a terra é dos proprios—resulta um certo feltro egoista, selvagem, aspero, desconfiado que esta gente tem.

Recebem-nos com o coração aberto se deles nos acercamos, a pedir agua. Pedir—dá solidariedade; eles também pedem.

Mas se nos toparam com um bago entre os dentes, ou curvados sobre terra como a apanhar um fruto verde que se despegou com o sol—quasi nos matam.

Mas três palavras trocadas—uma explicação, um sorriso, uma pergunta simpática—e redem-se: dão-nos a vinha inteira!

Não tem celeiro; o milho vendem-no. A uva, vendem-na. Vendem, por que o ano é longo e o inverno, ali, é duro.

A falesia—ardilosamente doirada—é uma sentinela ironica, um símbolo da sua propria vida de trabalho. Os petizes não vão á escola, as mulheres trabalham nas fainas dos lavradores ricos, para outro lado.

Por aqui—não se topa um jardim.

Apenas, apenas a distancia, de quilometro a quilómetros, encontramos um craveiro seco dentro de uma lata velha, e á beira de um poço, um canteiro de hortelã, uma rara sombra de acacia, uma fugitiva alameda de feijoad.

Ladram sempre os cães hostilmente, e as figueiras, de um verde metalico, agreste, de figos por amadurecer, nem a asa de um pardal abrigam.

A crueza da falesia e a crueza destas vidas conjugam-se, numa irmandade.

E' tudo duro, seco, corcomido de ideais vasio.

E retomo a falesia.

* * *

Porque o pinhal começa, e o vale agora se abre a nossos pés, humido, escorredio, doentio, uma linha milagrosa de choupos meãos, uma ou outra oliveira—a falesia humanisa-se.

Fecha as suas fauces, adorna-se no pizo, começa a cobrir-se de vegetação. Entrega-se ao Oceano proximo, deixando-se abater suavemente, pouco e pouco, da crista selvagem.

Foge um melro espavorido, vôam alto dois corvos negros, o cheiro das resinas torna-se menos acre; na planície duas vacas pastam, presas por uma corda, toda a manhã, toda a tarde.

Pela garganta da rocha, que faz um desfiladeiro negro, abrindo, em foz, para a terra de ninguém que leva ás dunas brancas e destas ao Oceano—distingo um transatlantico que vai para o sul.

Cal-me o suor em bagas. Meto-me pelo vale. Lá ao longe, na curva, distingo uma casa, e do alto eleva-se um fumo branco.

Retomo o caminho que, daqui a três horas, me hade levar á estrada.

Digo adeus á falesia que, aqui de longe, me parece agora um fantastico despojo de ouro falso, ilusorio, sobre o dorso de um camelo lendario, que não caminha já mais.

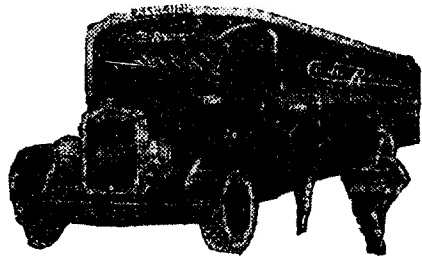
NORBERTO DE ARAUJO



LONGINES

Sempre na vanguarda das boas marcas

10 GRANDS PRIX



TRANSPORTES COSTA RAMOS

Domicílio a Domicílio

Unico concessionario da carreira entre Lisboa e Porto. Transportes para todo o país. Carros especiais para mobilias.

Porto

Lisboa

R. Guerra Junqueiro, 7 R. S. João, 34, 36

Telef. 1854

Telef. 2 7200

SOCIEDADE ESTORIL

Horario em vigor desde 12 de Agosto

DIAS UTEIS				DIAS UTEIS			
Partidas de C. Sodrê				Partidas de Cascais			
Horas		Horas		Horas		Horas	
6,49	Omnibus	17,20	Semi-directo	5,44	Omnibus	14,10	Semi-directo
7,43	"	17,23	Omnibus	6,41	"	14,39	Omnibus
8,20	Semi-directo	17,50	Semi-directo	7,28	Semi-directo	15,25	Semi-directo
8,50	"	18,20	"	7,44	Omnibus	16,19	Omnibus
8,53	Omnibus	18,23	Omnibus	8,05	Semi-directo	17,19	Omnibus
9,29	Semi-directo	18,50	Semi-directo	8,11	Omnibus	17,55	Semi-directo
9,51	"	18,51	Omnibus	8,35	Semi-directo	18,55	"
9,53	Omnibus	19,20	Semi-directo	8,44	Omnibus	18,19	Omnibus
10,20	Semi-directo	19,23	Omnibus	9,05	Semi-directo	18,35	Semi-directo
10,51	Omnibus	19,50	Semi-directo	9,35	"	19,05	"
11,20	Semi-directo	20,03	Omnibus	9,49	Omnibus	19,35	"
12,13	"	20,20	Semi-directo	10,05	Semi-directo	20,15	Omnibus
12,17	Directo	20,53	Omnibus	10,35	"	20,40	Semi-directo
12,43	Omnibus	21,25	Semi-directo	10,49	Omnibus	21,40	"
13,10	Semi-directo	21,48	Directo	11,05	Semi-directo	22,50	"
13,30	Só aos sábados	22,30	Semi-directo	11,35	"	23,45	"
14,23	Omnibus	23,33	Omnibus	12,05	"	0,45	"
15,00	Semi-directo	0,35	Directo	12,40	"	1,40	Directo
15,45	"	0,40	Semi-directo	13,04	Omnibus	2,40	Semi-directo
16,23	Omnibus	1,13	Omnibus	13,36	Semi-directo		
16,50	Semi-directo	2,15	Semi-directo	14,00	Directo		

DOMINGOS E FERIADOS				DOMINGOS E FERIADOS			
Partidas de C. Sodrê				Partidas de Cascais			
Horas		Horas		Horas		Horas	
7,43	Omnibus	18,50	Semi-directo	6,44	Omnibus	18,35	Semi-directo
8,53	"	19,20	"	7,28	Semi-directo	19,05	"
9,53	"	19,53	Omnibus	7,44	Omnibus	19,19	Omnibus
10,20	Semi-directo	20,53	"	8,41	"	19,35	Semi-directo
10,53	Omnibus	21,25	Semi-directo	9,49	"	19,44	Omnibus
11,20	Semi-directo	21,48	Directo	10,35	Semi-directo	20,15	"
12,13	"	21,49	Semi-directo	10,49	Omnibus	20,50	Semi-directo
12,43	"	23,31	Omnibus	11,35	Semi-directo	21,30	"
13,45	"	0,35	Directo	12,05	"	21,50	"
14,23	Omnibus	0,40	Semi-directo	13,04	Omnibus	22,30	Directo
15,00	Semi-directo	1,13	Omnibus	14,00	"	22,50	Semi-directo
15,45	Directo	2,15	Semi-directo	15,10	Semi-directo	23,45	"
16,23	Semi-directo			16,19	Omnibus	0,45	Directo
17,23	Omnibus			17,19	"	1,40	Directo
18,23	"			18,05	Semi-directo	2,40	Semi-directo
18,23	"			18,19	Omnibus		

«LEGIÃO PORTUGUESA»

O exercício de bivaque do batalhão n.º 10 da «Legião Portuguesa» (Cascais), que estava marcado para domingo, 15, foi transferido para domingo, 5 de setembro. No próximo domingo os legionários devem comparecer com uniforme e sem dólman, pelas 14 horas, na cidadela de Cascais.

Brigada Naval

Convocam-se todos os legionários pertencentes às guarnições A. B. e C. e os inscritos em nação e remo a comparecerem na sede desta Brigada, nos Serviços Navais, amanhã, sexta-feira, 13, pelas 18 e 30.

700 CARTEIRAS PARA OS LICEUS

A direcção geral do ensino liceal abriu concurso, pelo prazo de trinta dias, para o fornecimento de setecentas carteiras para diferentes liceus.

CARCEREIROS GRATIFICADOS

Um decreto hoje publicado dispõe que os carcereiros das cadeias civis de Coimbra e Braga terão direito, além dos vencimentos pagos pelas respectivas Camaras Municipais, á gratificação de 100\$00 mensais, paga pelo Estado, a partir de janeiro de 1938. Esta gratificação é concedida por se reconhecer que «nas cadeias civis de Coimbra e Braga ha um movimento de presos excedendo em muito o das respectivas comarcas, que as transforma em verdadeiros estabelecimentos centrais».

ANTONIO CARDOSO TEIXEIRA

A bordo do vapor «General Osorio», regressou do Rio de Janeiro o nosso querido amigo sr. Antonio Cardoso Teixeira, que ali, e a S. Paulo, foi tratar dos interesses da Livraria Classica Editora e do livro português, prejudicado no mercado brasileiro pela carestia dos portos, e a cuja situação importa acudir urgentemente.



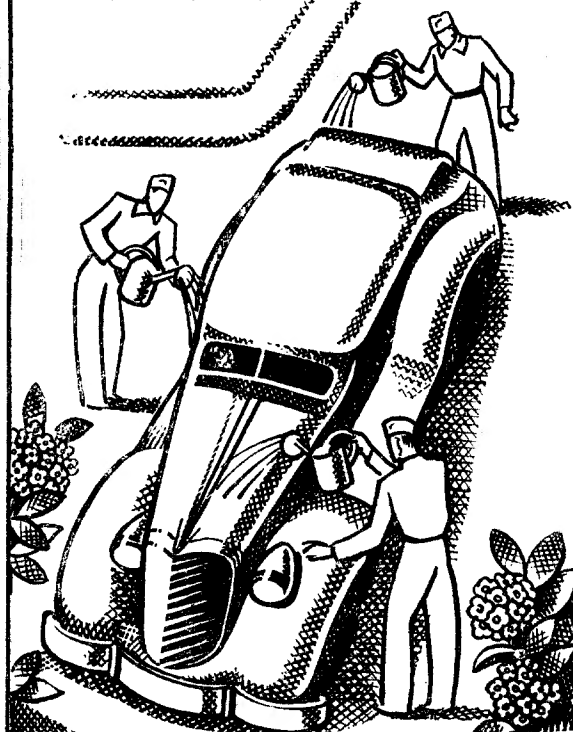
Uma linda mulher como V. Excia.
USA SÓ PRODUTOS DE BELEZA MATITÉ

Se deseja ter uma tez mate, avermelhada, adopte os produtos MATITÉ — creme, «rouges» e pó. A sua aderência é perfeita e o seu lindo rosto terá um brilho e uma frescura mais juvenis, se utilizar exclusivamente os produtos de beleza

L.T. PIVER
Rua Saraiva de Carvalho, 207-B
LISBOA

A venda em todas as casas da especialidade

O SEU CARRO DEVE SER TRATADO COMO UMA FLOR



A floricultura é uma arte que, para se praticar, requiere mil e um cuidados: regas, enxertos, estrumes, abrigos, e mil pequenos nada.

Está no mesmo caso o seu automóvel.

Todos os cuidados são poucos para que ele lhe garanta comodidade e segurança absolutas.

V. Ex.ª não deseja certamente que o seu chauffeur perca tempo e não está mesmo disposto a fazer esses trabalhos.

Experimente a nossa casa, submetendo o seu carro a uma Lubrificação Especializada, Mobiloil-Vacuum, enquanto o nosso pessoal cuida da alimentação e boa apresentação dele.

SOCIEDADE AUTOMILFLORES, L.^{DA}
GARAGEM E ESTAÇÃO DE SERVIÇO
AVENIDA CASAL RIBEIRO, 28 — TELEFONE 4 0495 — LISBOA

SENHORAS

15\$00 é quanto lhe custa uma linda permanente mesmo em cabelos estragados noutras casas, não precisam de fazer mais, e garantimos por 1 ano, só pagam os direitos do óleo, o resto oferece a fábrica VITA sem fios que é o melhor aparelho do Mundo, garantias, a nossa casa é a mais antiga e é no 2.º andar e nada tem com outros na mesma escada, CABELEIREIRO DO ROSSIO, 93, é no 2.º andar.

PARTERIA ESPECIALIZADA

8. Augusto, 275, 4.º Telef 2 9607
Paros, tratamentos. Consultas gratis
BASILISA PEDROSA

Quere a sorte grande?
Habilite-se na Tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

LIMPEZA DE CARPETES

ELECTROLAR, LD.^a reabriu a sua secção de limpezas, até fins de Agosto, com o seu novo modelo de aspirador de pó. Aproveite V. Ex.ª esta oportunidade para pedir uma limpeza ás vossas carpetes, pelo telefone 2 6865, Praça dos Restauradores, 13, 3.º.

LEGIONARIOS DAS FORÇAS MOTORISADAS

Recebemos grande remessa dos celebres aparelhos

PHILCO

o melhor para automoveis. Preço excepcional 1.000\$00, incluindo a montagem no automovel e com garantia de 6 meses.

Officinas de reparações com técnicos especializados
Representante exclusivo para Portugal e Colonias

AUTO-RADIOFONICA, L.^{DA}

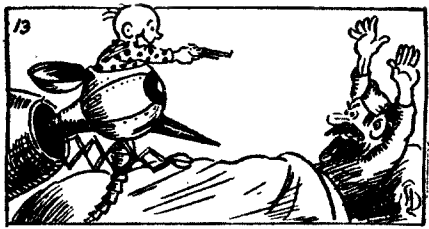
Telefone 4 0630

Rua Braancamp, 64 — Lisboa

PAGINA INFANTIL

AS AVENTURAS DO QUIM E DO MANÉCAS O TANK DA MORTE!

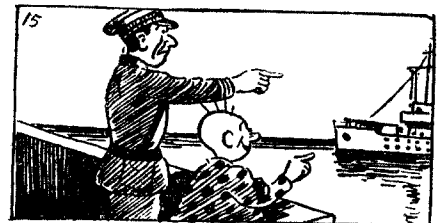
(Continuação)



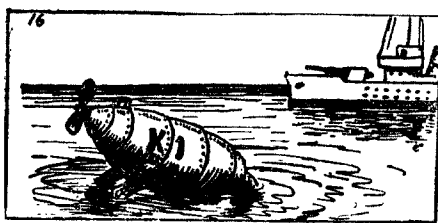
13—O general marxista, aterrorizado, entrega-se ao valoroso soldadinho...



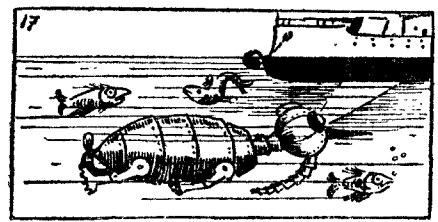
14—... e lá vai prisioneiro, amarrado com fortes correntes, para o campo inimigo.



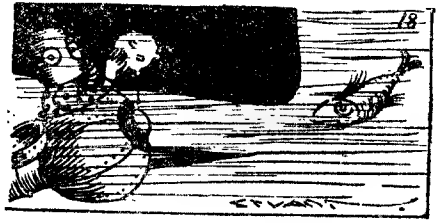
15—Certo dia, um oficial aponta-lhe um navio de guerra dos adversários, que é indispensável destruir.



16—O «tank» anfíbio mergulha a dez metros do couraçado inimigo...



17—... aproxima-se a toda a força das suas potentes máquinas...



18—... e Manécas coloca uma mina na quilha do couraçado, afastando-se em seguida.

(Continua)

Festas da Agonia em Viana do Castelo

A fim de facilitar ao público a ida a Viana do Castelo para assistir às tradicionais festas da Senhora da Agonia, está a C. P. organizando, como de costume, um comboio turístico que pernitará no Porto no dia 21 do corrente, continuando no dia seguinte para Viana do Castelo onde os excursionistas podem assistir à tourada que se realiza na tarde de domingo e ao imponente fogo de artifício queimado nessa noite sobre o rio Lima, espectáculo de maravilha que só a arte pirotécnica vianense consegue proporcionar-nos.

O programa e condições deste comboio serão anunciados a partir do próximo sábado.

Leiam às quintas-feiras o jornal humorístico SEMPRE FIXE.

Falam as pedras e o oiro

por Maria Madalena de Pina

CORDÃO

—De todos vós, tenho a certeza que fui eu o que sofri mais, e contudo sinto-me contente.

PULSEIRINHA

—Sofrendo como nós, contente?

ANEL DE SAFIRA

—E' impossível.

ANEL DE PEROLA

—Deixem ouvi-lo. Depois julgaremos.

CORDÃO

—Deram-me quando ela era rapariga, e foram as suas mãos tremulas de velhice e de comição que me venderam.

PULSEIRINHA

—Porquê?

CORDÃO

—Porquê? Ela tinha-me amizade, eu bem sabia, mas gostava ainda mais da sua neta.

ANEL DE SAFIRA

—E foi por causa da neta que...

CORDÃO

—Sim. Ela estava noiva, mas os pais dele não o deixavam casar sem que a cachopa tivesse um pequeno dote. Para aquela gente da aldeia 500\$00 já são qualquer coisa, e então a velhinha que queria a neta como a luz dos seus olhos, não a podia ver triste e vendeu-me.

ANEL DE SAFIRA

—Como era ela?

CORDÃO

—A minha dona? Era uma velhinha de olhar sereno, de faces enrugadas, mas de coração moço e bom.

PULSEIRINHA

—E em nova era bonita?

CORDÃO

—Não, mas era tão gentil, tão graciosamente alegre nas suas saídas de balão! E tinha uns olhos lindos que sorriam contentes. Vocês não imaginam como ela era engraçada a bailar, com a sua blusa muito justa, com os seus dentes como perolas aparecendo por detrás dos lábios vermelhos e bem feitos!

PULSEIRINHA

—O meu bebézinho também era um amor!

ANEL DE PEROLA

—Ainda não no, explicaste, porque te sentias feliz.

CORDÃO

—E' tão fácil! Sofri, mas fui eu que fiz a felicidade de três pessoas: da velhinha, da neta e dele.

ANEL DE PEROLA

—Não será melhor irmos dormir? A noite está tão fria!

Os dois anceis, um de perolas, outro de safiras, o cordão e a pulseirinha de oiro aconchegaram-se bem, nos seus estojos.

Lá fora a neve caía aos farrapinhos cobrindo tudo com o seu manto amarelado.

Natal! A neve cai de mansinho... Na montanha duma casa de penhores, quatro joias falam. Dois anceis, um de perolas, outro de safiras, um cordão e uma pulseirinha de oiro.

ANEL DE PEROLA

—Foi num dia de Natal que principi a viver naquela mão tão bondosa. Com a sua caridade fez-me infeliz.

PULSEIRINHA

—Como pode tornar-nos infelizes a caridade?

ANEL DE PEROLA

—A causa de nos separar-nos foi a bondade. Ouve. Ela tinha saído, atravessava a avenida quando reparou num grande círculo de gente que se formava em volta dum automóvel e numa pobre mulher que chorava aflita. Aconteceu-se dela—até parece que estou a ouvir a sua voz doce perguntar: —Porque choras? A mulher, por entre soluços, respondeu-lhe: —Atropelaram meu marido. E' preciso dinheiro para operá-lo, mas eu não tenho nem um centavo. A minha dona, coitadinha, ficou triste, mas de repente vi o seu olhar brilhar de alegria. Ouvi então as palavras que fizeram a minha infelicidade: Não trago aqui dinheiro suficiente mas tenho este anel que vale qualquer coisa. Tome-o. Trouxeram-me para esta loja e agora vivo sempre na esperança que a minha dona me veja e me compre de novo.

ANEL DE SAFIRA

—E's desgraçado por isso? Sim, tens razão. Mas eu sentia-me contente se fôsse dessa forma que me trouxeram para aqui. Escuta e repara se não sou mais para lamentar que tu. Chamava-se Raquel e era belíssima, a minha dona. Por muitos anos lhe enfeitei as mãos esguias e côr de marfim. Um dia quando estava fazendo a sua «toilette» prendi-me ao vestido, que era de rendas, e desesperada arremessou-me para longe. O que sofri!

ANEL DE PEROLA

—Avalio perfeitamente.

PULSEIRINHA

—Mas ela não era bem educada. Atirar-te para longe como se fôsse uma pedra!

ANEL DE SAFIRA

—Sou-o, mas que queres, ninguém sabe que temos coração! Ela nunca mais se lembrou de mim, e na manhã seguinte, quando a criada fez a limpeza encontrou-me, e, olhando para todo os lados, guardou-me na algibeira. Depois, vendeu-me.

ANEL DE PEROLA

—E tu pulseirinha, tens também alguma história?

PULSEIRINHA

—Sim, como vocês. O meu lugar era um brácinho mimoso e lindo. O meu dono era um bebé, e foi crescendo, engordando, principi a ficar escondida numa rugazinha de carne recada, depois dos olhinhos do petiz—dois pontinhos brilhantes onde se liam todos os seus desejos de criança—começaram a cair lágrimas, pequenas gotas de orvalho, e a apontar para mim. O pequerrucho mal falava, mas mesmo assim fez-se compreender. «Doi, isto apêta». Tiraram-me imediatamente daquela rugazinha a quem tinha tanto amor, e trocaram-me por outra maior.

ANEL DE SAFIRA

—E porque não terão eles ficado contigo?

PULSEIRINHA

—Eram pobres, e eu não servia para nada. Tive pena, é verdade, mas que havia de fazer?

Empresa de Transportes BRAGA

Rua dos Correios, 28

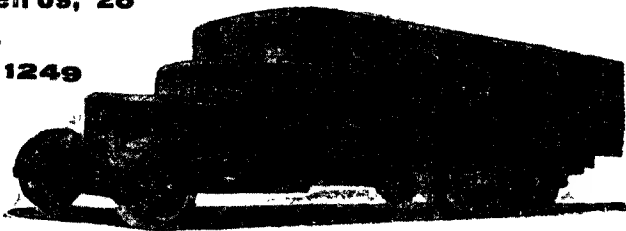
LISBOA

Telefone 2 1249

Camions,
Camionetes
e Carroças

Para todos os generos de
transporte em Lisboa e em
todo o país

Servico especial de Mudanças



O menino buliçoso

por Virginia Lopes de Mendonça

Era uma vez um menino muito traquinas, mesmo muito traquinas.

Nunca parava quieto e á roda dele também nada parava no seu lugar.

O pai zongava-se, a mãe ralava-se. A mãe lamentava-se, mas o menino num constante movimento, quando o julgavam em casa estava na quinta, quando o supunham na cave estava no sótão, quando o imaginavam na horta estava no pomar!

Quantas vezes a mãe lhe gritava zangada:

—O que tu merecias, para teu castigo, era seres qualquer coisa que sempre a andar, não pudesse parar!

Com estas palavras no ouvido, uma noite o menino, em sonhos, viu a sua cara num girassol, que no canteiro de um jardim dizia muito triste, sempre a voltar-se para o lado do sol.

—Fui transformado

por meu mau fado,

Na flor dourada,

que na latada,

Gira que gira,

Vira que vira!

Minha mãe, minha mãe,

Aqui não estou bem!

Eu quero ir-me embora

daqui para fora!

Mas por mais que gritasse a mãe não lhe apareceu e uma voz cavernosa gritou:

—Numa grande roda sempre a voltear, pegado a um carro, tu has de girar!

Imediatamente o menino se mudou em roda de carroça que, a galope, galgava estradas pedregosas.

Maltratado pelas pedras do caminho, o menino gemia:

—Minha mãe! Minha mãe!

Aqui não estou bem!

Assim feito em roda,

tudo me incomoda!

Eu quero ir-me embora,

Daqui para fora!

Mas em vez da mãe, o menino só ouviu a voz soturna que bradou:

—Numa igreja, em catavento,

ficarás p'ra teu tormento!

E lá ficou o menino no telhado da igreja, a virar, a virar, aos caprichos do vento.

Muito cansado, já sem forças o menino queixava-se assim:

Tão longe dos meus

Minha mãe! Minha mãe!

Aqui não estou bem!

nada me sorri!

Estou perto dos ceus,

mas longe de ti!

Nisto, uma rajada mais forte de vento fê-lo cair.

Foi então que o menino despertou daquele sonho tremendo.

Ao estrondo que fez o seu corpo batendo no chão—porque fôra da cama que ele caíra—acudiu a mãe assustada.

Logo o levantou, e apertou nos braços, cobrindo-o de beijos.

Abraçado à sua querida mãezinha, o menino dizia sorrindo, entre lágrimas:

—Minha mãe! Minha mãe!

Aqui estou tão bem!

Não quero mexer-me!

Não quero mover-me!

Estou farto de andar,

sem nunca parar!

O irrequieto,

vai ficar quieto

Muito quietinho

e sossegadinho.

porque aquele sonho

tão mau, tão medonho,

fez chegar o tino,

ao vosso menino.

Na verdade, nunca mais o pai se zangou, a mãe se ralou, nem a mãe se lamentou, pois nunca mais tiveram razão de queixa para tal.

O menino já não bulia, nem mexia e muitas vezes o ouvem cantar, baixinho numa reminiscência alegre do sonho triste:

Minha mãe! Minha mãe!

Aqui estou tão bem...



Pode fazer desaparecer com rapidez a penugem incômoda dos braços e das pernas, das axilas e do nuca, com o creme depilatório "DULMIN". Este maravilhoso creme depilatório é branco, untuoso, eficaz, macio e totalmente inofensivo. Em 3 a 5 minutos eliminará a penugem.

DULMIN

CRÉME
DEPILATÓRIO



DISTRIBUIDORES GERAIS
SCHLEEDORN & JACOBY, LDA.
Rua do Crucifixo, 76, 1.º — LISBOA — Tel. 2 7092

PRAIA DO SOL Costa de Caparica HORARIOS

da Empresa de Camionetas Piedense, Lda.
1 de Julho a 30 de Setembro

Cacilhas		Praia do Sol	
7,35	15,05(*)	7,10(*)	15,30(*)
8,00	16,20	8,30	16,55
9,10	18,10	9,00	18,50
9,40(*)	19,10(*)	9,40	19,40(*)
10,30	19,40	11,05	20,15
12,10	20,40	12,50	21,00
14,05	23,55(*)	14,40	0,20(*)

(*) Não se efectuam nos Domingos

Aos domingos ha carreiras até haver passageiros.

Trataria — Praia do Sol. — Carreiras consecutivas de 15 em 15 m.
Garage de recolha na Praia do Sol.
Automoveis de Turismo em Cacilhas; serviço especial para o "Hotel da Praia do Sol".

POR 5\$00

Semanais, todos podem adquirir Relógios de todas as marcas, joias e objectos de ouro e pratas, inscrevendo-se já, no sistema de Vendas a Prestações, com Bonus em todas as lotarias, prazo de pagamento 30 semanas, podendo o objecto ser adquirido a primeira prestação somente por 5\$00. F. de Sousa Torralba, Rua de S. Paulo, 106. Telef. 26508.

MANOEL MOREIRA

(Casa fundada em 1904)

Tem o prazer de lançar no mercado a nova película inglesa

WESTMINSTER

Alta sensibilidade Muito ortocromática

Grão fino

PREÇOS		
4 x 6,5		
6 x 9 — 120		5\$50
6 x 9 — 620		
6,5 x 11		7\$50

Venda directa ao publico. Sem revenda. Envia-se para a provincia contra reembolso, franco de porte.

TRABALHO PARA AMADORES

Instalações especiais para formatos pequenos

PERFEIÇÃO ECONOMIA

6 — Rua da Prata — 6

LISBOA

Telefone 2 7286



ZIG ZAG

O Melhor Papel de Fumar
A venda em toda a parte a:

Livro Double 60cts.
Livro Simples 30cts.

Quem preza a sua saúde não fuma outro

Agentes gerais em Portugal:

CASA HAVANEZA
LISBOA

CONTRA O CALÔR?!

Bebam os vinhos verdes da REAL COMPANHIA!

ESPECIAL (tinto) em garrafas

AMARANTE (tinto) em garrafas e 1/2 gts; em botijas e 1/2 bot. de vidro

BASTO (tinto) em botijas e 1/2 bot. de vidro

AGULHA (tinto e branco) em botijas e 1/2 bot. de barro.

Em garrações de 5 litros

ESPECIAL (branco e tinto)

Vendem-se nas boas mercearias, restaurantes e hotéis de Lisboa Sintra e Costa do Sol.

Pedidos á FILIAL

Rua do Alecrim, 117 — Telef. 2 2556

Todos os nossos produtos são postos de nossa conta no domicilio do cliente em Lisboa.

PRODUTOS DE BELEZA

No Natal e na Pascoa, no Carnaval como no verão, em todos os meses e a todas as horas, V. Ex.ª deseja sentir uma aureola de juventude e beleza, preciosa a toda a mulher.

O seu melhor sorriso, sem apparencia de fadiga, fresco, natural, pode ser sempre conseguido, quer a sua pele seja normal ou não.

Os produtos RAINHA DA HUNGRIA, cientificamente puros, são os seus melhores conselheiros. Use-os. Frequentemente a ACADEMIA CIENTIFICA DE BELEZA e ela será a colaboradora que, como a sua toilette mais chic, lhe emprestará realce e beleza.

ACADEMIA CIENTIFICA DE BELEZA

Lisboa, Av. da Liberdade, 35. — Telefone 2 1866
A' venda nas boas casas

UNIVE X

MAQUINAS FOTOGRAFICAS E PELICULAS

CHEGOU NOVA REMESSA

A' VENDA EM TODA A PARTE
E EM EXPOSIÇÃO NA

NOVA LUSA

RUA S. NICOLAU, 112 — LISBOA
PREÇO UNICO: MAQUINA 15\$00 — ROLO 3\$50

cores frescas grande durabilidade!

PINTAMUR existe em numerosissimas cores cheias de frescura, beleza e atracção. A sua durabilidade é enorme podendo ser lavado. Dá ás superficies em que é aplicado um aspecto aveludado e encantador, inteiramente diferente do de qualquer outra tinta.

PINTAMUR

É UM PRODUTO ROBBIALAC

SOC. ROBBIALAC, LDA.
R. Nova do Carvalho, 15, 1.º — Lisboa

MAPLES

em todos os estilos

Carpets Oleados
Papeis Pintados

armazem de Moveis do Calhariz

Paixão Carva ho, L.da
Largo do Calhariz, 27

VENDAS PARA A PROVINCIA

Vendas a prestações

Ennor, L.da

Transportes por domicilio a

Sucessor

camionagem domicilio

Rapidez, correcção e seguros contra todos os riscos

Transportadora das melhores Empresas do País.

PORTO
Rua Azevedo Coutinho, 132 (ao Bessa)
Telefone 6102

LISBOA
Rua Gilberto Rôla, 8 (a Alcântara)
Telefone 9 4792

XVI Expresso Popular

De Lisboa a Viseu

DOMINGO 15 DE AGOSTO

Ida e volta 40\$00

Marcação de lugar 2\$50

HORARIO

IDA

Lisboa-R., partida	7-20
Entre-Campos	7-32
Pampilhosa, chegada	11-20
Santa-Comba	12-23
Tondela	13-11
UISEU	14-12

VOLTA

UISEU, partida	19-35
Tondela	20-36
Santa-Comba	21-26
Pampilhosa	22-25
Entre-Campos, chegada	2-11
Lisboa-R.	2-22

Bilhetes á venda nas "Informações" da estação do Rossio. Esclarecimentos no Serviço do Tráfego da C. P. — Santa Apolónia — Telefone 2 4031.



SEMPRE QUE tenha de fazer algum seguro contra fogo, quebra de vidros ou acidentes no trabalho, deve, no seu interesse, consultar a

Companhia de Seguros «O TRABALHO»

Segura bem porque está bem segura

Rua José Falcão, 211 — PORTO

Delegação em Lisboa:

J. T. Pinto Vasconcellos, Lda

Praça Duque da Terceira, 24



Alegria justificada

—Ai, rica filha! Como estás ferinha! E vens um (senhoras)...

—E trago aqui aos pais uma rica lembrança...

—O que é, filha?!

—E' café d'A Mariazinha!...

—Ai, querido amor; é a melhor coisa que nos podias trazer...

—E tambem trago para o tio Manuel da Cancellia... para a tia Josefa do Pinhal... e para os primos da Fonte...

—Vais dar-lhes uma grande alegria!...

Como se pode dar o caso de haver alguma pessoa que tenha estado ha alguns anos fora de Portugal—e por isso o ignore—dizemos que a casa d'A MARIAZINHA é na

RUA BARROS QUEIROZ, 26 e 28

(á igreja de S. Domingos)

Associação Comercial e Industrial dos Ourives do Sul

CONTRIBUIÇÃO INDUSTRIAL

A fim de se proceder á nomeação de representantes, por freguesias, nas commissões de fixação do rendimento tributavel e de reclamações, convidam-se todos os contribuintes das classes de OURO-PRATA-JOIAS e RELOGIOS,

a reunirem-se amanhã, sexta-feira, 13, pelas 12,15 horas, na Camara Municipal.

1 Direcção.

Diário de Lisboa

Suplemento literário

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA

Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA - Telefone 20271

TEMAS HISTÓRICOS

O calvario do Principe Perfeito e o seu glorioso reinado

D. João II, porventura o maior rei de Portugal, por ser o mais completo no conjunto de qualidades governativas, cognominado de *Principe Perfeito* pelo consenso nacional, inscreveu no selo da sua chancela, como lema da sua empresa de reinar, as palavras: *pola lei e pola grei*, e entre elas o simbolo do Pelicano, sangrando o peito para alimentar os filhos.

Qual um eco, trazido em ondas sonoras por montes e vales do tempo e dos acontecimentos, que a tradição faz chegar até nós, ouvimos hoje, alto, este principio: *Tudo pela Nação*.

A *Lei* é a norma essencial de sempre; a *Grei*, do passado, é a Nação do presente.

D. João II teve que submeter os dois primeiros e poderosos braços do Estado, o Clero e a Nobresa, para, apolando-se no terceiro, o Povo, pelos *Capitulos* dos seus procuradores às cortes de Evora de 1481, e aliando-se com ele, emancipar a corôa, rematando a obra iniciada pelo Mestre de Aviz e prosseguida pelo Regente D. Pedro.

As leis então promulgadas por D. João II, umas de sua iniciativa, outras sugeridas nos *capitulos* por ele deferidos, documentam o seu saber e o pulso de estadista, determinando uma completa transformação da sociedade portuguesa. Cercearam a fortuna e o poder dos Nobres, elevando as classes trabalhadoras. Eram o fruto dos estudos práticos feitos quando ainda principe, ao exercer a regencia.

Prosseguiram tais medidas e reformas pelo reinado fora, em realizações notáveis, como a reorganização dos mistérios e officios, com os seus embandeiramentos, na *Casa dos Vinte e Quatro*, criada por D. João I.

O rei não ouvia menos os procuradores dos concelhos, do que os dos Municípios, nas suas reclamações e queixas contra a Nobresa, desde o início do reinado atendidias, como por exemplo, o novo formulario para a *prestação das menagens* e outras disposições.

A classe alvejada reagiu.

Tão poderoso quasi como soberano, o Duque de Bragança, arvorado em chefe da revolta, protestou não obedecer.

Com assombro geral, o jovem rei, de vinte e seis anos, mandou-os executar em Evora no cadafalso.

Subiu de ponto a revolta, tramaram-se conspirações.

Preparou-se o atentado contra D. João II, que seria arcabuzado em Setúbal, ao passar pela rua da Anunciada a procissão do Corpo de Deus, muita sumptuosa, cortejo alternado de divino e profano: a *Dansa dos Embiucados*, a dos Mouros, a dos Escravos, á frente do guerreiro S. Jorge, de armadura, cercado de escudeiros, pagens e moços de esporas. Depois um grupo, representando o sacrificio de Isaac. O rei David, com os seus sacerdotes, precedia o *Gremio dos Taberneiros* conduzindo o deus Baco, escarranchado sobre uma pipa rodeada de cantores e foliões. A seguir, novamente santidades: St.^a Catarina com a sua roda de navalhas. S. Sebastião, S. Joaquim, Santa Clara, rodeada de freiras, e depois o grupo da fuga para o Egipto, Santa Maria da Assincha, cavalgando a burrinha, S. José, a seu lado, e o Menino Jesus num andor.

Vinha depois a corte de D. João II, e entre ela os mais notáveis dos conspi-

radores: o duque de Viseu, cunhado e primo do soberano, o bispo de Evora—D. Fernando seu irmão—D. Guterres Coutinho e os Ataides. Só faltava Fernão Martins capitão dos Ginetes de el-rei, que na conspiração entrara para dela estar a par e prevenir o monarca.

D. Guterres, dando pela sua falta, receoso, perguntou em segredo ao conde de Penamacôr:

—Que será de Fernão Martins?

—Não sei... Ter-nos-á traído?

Assim era, com efeito, D. João II estava prevenido, e quando a *Gaiola* do Santíssimo, trazia sob o palio, adiante do qual ele caminhava, acabava de passar defronte de certa casa, de janelas baixas, com as gelosias fechadas, estando todas as demais cheias de gente, ouviu-se um gemido abafado: e Fernão Martins acabava de atravessar com a sua adaga o sicario que dali devia desfechar sobre o rei, no momento em que os conspiradores que o rodeavam, á uma, deixassem cair no chão as suas varas, e se abaixassem para as apanhar, ficando só o monarca de pé e bem exposto á descarga.

Mas D. João II fez como eles, deixando cair o bastão, e como eles abaixando-se para o levantar, dizendo com grande naturalidade a D. Garcia de Meneses:

—E' singular, bispo... a todos nos caiu a vara!

Nessa casa historica se podem ver, no cunhal, três cabeças, que tantos foram os conspiradores executados, e sobre a janela a inscrição:

Si Deus pronobis — quicontra nós.

A noite houve sarau no paço, em que se folgou como de costume. Mas no dia seguinte, el-rei, simulando partir para Alcacer, voltou subitamente ás casas de Ruy da Cunha, que a corte habitava, e depois de mandar chamar o duque de Viseu, dirigiu-lhe a conhecida pergunta:

—Primo, que fariéis vós a quem intentasse matar-vos?

—Matá-lo-ia primeiro.

—Proferistes a vossa propria sentença!—e D. João II apunhalou D. Diogo, junto á janela da sala que dá sobre a praia de Setúbal.

* * *

A execução do duque de Bragança em Evora por mão dum carrasco anónimo, que, de capuz sobre o rosto, o decapitou, e a do duque de Viseu, em Setúbal, vieram a morder acabrunhadamente na consciencia do Principe Perfeito desde o fatal dia em que, *a luz dos seus olhos* (como costumava dizer) se apagou com a tragica morte do Principe D. Afonso, herdeiro da Corôa, coíndo dum cavalo, na Ribeira de Santarem, ao correr o *parêo* com D. João de Meneses.

Havia um mês apenas que o principe casara com a filha dos Reis Catolicos, sendo o sonho doirado de D. João II a ostentação das corôas de Portugal e de Castela na cabeça do filho estremeido.

Fôra esta ambição a causa principal de quanto de mais elevado e transcendente houve nos porfiados estudos e trabalhos a que o *Principe Perfeito* se dedicou, e fez, interna e externamente, grandioso o seu reinado.

Certa noite, na *Torre dos Leões*, do Paço da Alcaçova de Lisboa, D. João II, para desviar o principe dum primeiro amor juvenil, e, sem lhe ferir o coração, o convencer da primasia do consorcio com a herdeira de Fernando e Isabel, abriu-se para com ele, como se falasse ajoelhado perante frei João da Póvoa, seu confessor:

—Afonso! Meu filho! Agradeço ao Senhor a minha grandeza, porque me deixa preparar o vosso radiante futuro! Esposo da filha dos Reis Catolicos, empunhareis um dia o ceptro de Portugal e o de Castela! Os meus grandes capitães: Afonso de Albuquerque, D. Francisco de Almeida, Duarte Pacheco e tantos mais, educados nas guerras

gloriosas do vosso avô D. Afonso o V, que santa gloria haja, arrancarão Africa inteira aos infieis, e com ela acrescentarão mais um degrau ao vosso trono! A Cruz de Cristo levá-la-ão ovan-te pelos mares os meus navegadores: os Gamas, Bartolomeu Dias e Alvares Cabral. O emporio de Veneza desaparecerá ante o desta nobre Lisboa, agora adormecida aos nossos pés, e do formoso Tejo que aí vai correndo para o Oceano. E D. João II, de Portugal, Senhor na Europa, na Africa e na Asia, morrerá contente, deixando sobre a vossa cabeça a maior corôa do mundo!...

Assim fazia o *Principe Perfeito* a justificação dos seus perseverantes estudos, a criação da *Junta dos Cosmógrafos* e as suas correspondencias, em latim, com os maiores sabios e navegantes da Europa: Angelo Policiano, Cataldo Siculo, Toscanelli e outros, alguns dos quais vieram a Portugal para pessoalmente o conhecerem, como fizeram Nicolau von Popelau, e monsieur de Léon.

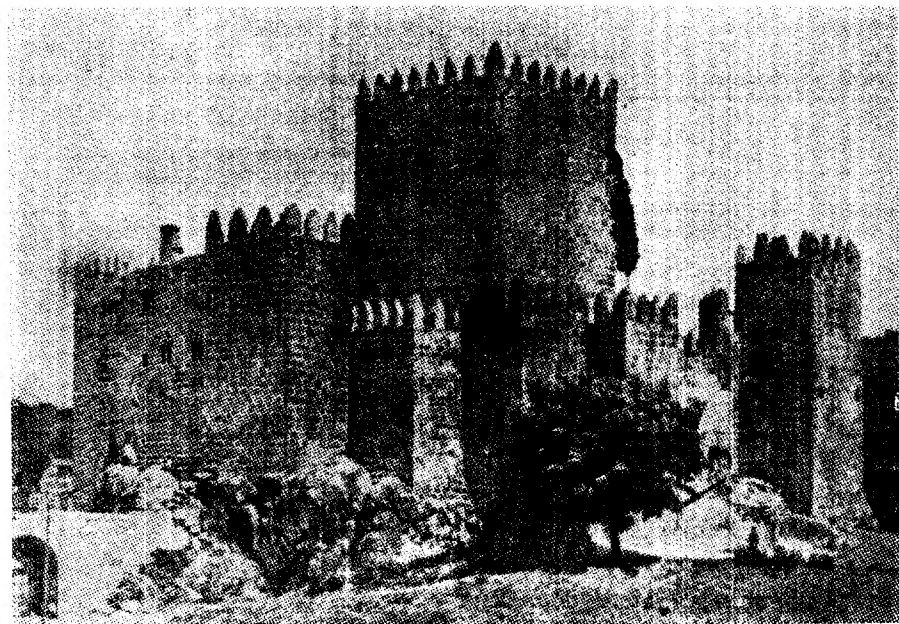
Assim era que tambem escrevia a Cristobal Colón, tratando-o por: *meu especial amigo em Sevilha*, a despeito do suposto erro que lhe é atribuído, por não ter acetado a sua proposta para a descoberta do novo mundo. E' que ele bem sabia ser o *navegador português*, e de *sangue real*, irmão da rainha D. Leonor, sua mulher, como filho natural do infante D. Fernando e duma nobre Senhora Gonçalves Zarco, da familia do donatario de Porto Santo, na Ilha da Madeira.

Naquele momento o proposito do *Principe Perfeito* era desviar as atenções dos Reis Catolicos para as previs-tas, e já remotamente conhecidas, Indias do Ocidente, porque para si queria as do Oriente, o famoso reino de Presto João, de que lhe falavam os mercadores do Levante, e que o fizera mandar emissarios da sua casa a colher informações. O tratado de Tordesillas confirmou depois este plano.

Ele bem sabia que o verdadeiro nome de Colón era: Salvador Gonçalves Zarco, e da mesma forma o sabiam os Reis Catolicos, que, depois do descobrimento, e em recompensa, lhe engrandeceram o braço que já tinha (*las armas vuestro tras que sabades tener*), marcando-lhe, no quarto quartel, as cinco quinas da Casa Real Portuguesa. D. João II sabia ainda, que na Madeira ele recebera lições e embarcava com alguns navegadores portugueses e bem calculava que mais tarde o misterio da sua filiação seria desvendado, e reivindicada para Portugal a *Descoberta do Novo Mundo*, por direito de nascimento e de conquista do descobridor.

E' o que está sucedendo em nossos dias, com maior conhecimento e apreço de Sociedades Cientificas Estrangeiras, do que, infelizmente, no nosso meio.

Foram deslumbrantes, e ficaram assinaladas na Historia, as festas do Caia, por ocasião do consorcio do Principe Afonso com a herdeira dos Reis Catolicos, encontrando-se os noivos, pela primeira vez, na famosa *Sala de Madeira*, expressamente construída sobre aquele rio.



O castelo de Guimarães, agora restaurado, graças á notavel acção do sr. engenheiro Gomes da Silva, director dos Monumentos Nacionais. Superintendeu nos trabalhos da renovação do precioso monumento de arquitectura militar o sr. engenheiro Baltazar de Castro

(Ver continuação na 4.^a pagina)



O ultimo numero do «Micromégas», interessante jornal suíço, de que é director o sr. Jean Germain Tricot, publica um conjunto de textos arrancados a autores gregos e latinos, que, em absoluto, se adaptam aos tempos de hoje. Este jornal, que podia ter aparecido ha dois mil anos, é duma palpitante actualidade neste mês de agosto de 1937.

Eis o seu sumario, com os titulos, em francez, que vêm no «Micromégas»: «Longueur de l'exil», de Ovidio; «Sagesse», de Herodo; «La guerre d'Espagne», de Julio Cesar; «Intervention ou non intervention», da Demosthenes; «Nos autres bergsoniens...», de Plotin; «Le Dittateur», de Platão; «Faut-il faire la guerre quand les finances vont mal?», de Tito Livio; «Petit manuel de stratégie electorale», dos conselhos dados a Cicerão pelo seu irmão Quintus; «Technique du coup d'Etat», de Salustio; «Un debut au music-hall», de Agulho; «Le Mystère de la femme nue», grande romance de amor e aventuras de Heliodoro de Efeso; «Le Billet», de Ovidio, e mesmo receitas de beleza.

Os textos são reproduzidos com toda a honestidade, sem alteração duma virgula.



Povoa de Varzim é uma das vilas mais illustres de Portugal. Tem uma tradição a arqueologia, literaria, artistica, e até politica. A sua «biografia» humana deu ao sr. Viriato Barbosa uma obra notavel, que ele mo-

destamente classificou de ensaio. Não é assim! «A Povoa de Varzim», do sr. Viriato Barbosa, é, no genero, um livro modelar, vivo de elementos, feito naquella maneira que Ludvig fez o seu «Nilo». Assiste-se á formação da vila, á construção das suas primeiras casas, depois vêm o sedimento humano, as suas usanças e pitorescos, muitos dos quais ainda se mantêm; vê-se o seu desenvolvimento social, através dos seculos, o seu papel, na historia patria, o comentario que ela despertou nos estrangeiros que a visitaram, traça-se o perfil dos que nasceram ali, como Eça de Queiroz, ou por ali veranearam, como Camilo,—de sorte que a obra, apesar de seu caracter de estudo, empolga como um romance.

E' o romance duma vila, genero a tentar na literatura, e de que o sr. Viriato Barbosa nos deu agora um belo exemplo literario.

Edição muito cuidada, copiosa de gravuras.

Humanidade

Põe em tudo na vida
Um pouco de amor e de alegria!

Que coisa mais humilde
E desprezada deste mundo
Seja por ti olhada com carinho!
Que a lagrima mais sentida,
Da mais profunda dor,
No teu sorriso encontre
Uns momentos de conforto!

Dá assim aos fracos o teu amparo,
Numa palavra amiga,
E aos tristes a primavera
Numa rêssea de sol!...

JOÃO PATRÍCIO

(Do livro em preparação: «Conselhos dum Frei Tomaz»).

Edições da «Renascença Grafica»

RUA DA ROSA, 57, 2.º

Telefonos 2 0271, 2 0272 e 2 0273

ALBUM DE CARICATURAS por FRANCISCO VALENÇA 10\$00
MAIS VALE ANDAR NO MAR ALTO... por NORBERTO LOPES 10\$00
BIBLIOGRAFIA DE MAFRA, por JOÃO PAULO FREIRE (Mario) 20\$00
Pedidos à Administração do «Diário de Lisboa».

LITERATURA FEMININA

O VATICINIO

Diante de todas as facilidades que a Vida oferece á trajetória dos nossos pensamentos não obstante todas as provas de heroismo com que a humanidade se tem revelado até hoje, porque será que se morre de duvida cada vez mais quanto á existencia da nossa propria coragem e quanto á formidabilidade dos aspectos da vida actual?

Há sorrisos á minha volta que nos confundem, mas nas lagrimas dos que continuam chorando encontramos sempre motivo das maiores duvidas.

Só quando fosse possível dizimar todos os egoísmos da Terra, teríamos a verdadeira certeza de que não têm de inuteis os esforços da humanidade em demonstrar os seus anseios de perfeição.

Viver e morrer com o coração unido da mesma fé tornou-se quasi impossível!

Sacifica-se facilmente a virtude, o amor, e até as crenças mais intimas, só para beber dum trago os extranhos aperitivos da vida moderna, embora achando sempre vago o seu paladar e perigosamente excitantes os seus efeitos.

—«Mas, não é um facto a perfeição dos nossos dias?».

Preguntava-me, no entanto, ainda ha pouco, uma simpatica amiga, hipnotizada dos efeitos do progresso. «Amanhã—afirmava ela—chegaremos á perfeição eterea como essas nuvens que buscam pousada na teoria dos ventos...».

Querida amiga:

Você que é a fiel depositaria das grandes ilusões do mundo, acredite, que a pesar da perfeição a que chegámos Orfeu não voltaria a viver sobre a terra mesmo ao lado de Euridice—mas juro que Aladino ainda vagueia na sombra, por entre nós, com a sua lampada doiro acesa...

Caminhar para a perfeição, de alma, vasta, quando a mistificação humana chegou ao ponto de profanar o roteiro do divino, derrubando sem a menor responsabilidade idealismos que durante seculos foram o baluarte da moral do Amor?

Fala-me de subir ao eterco quando pesam sobre nós atlânticos de culpas que nunca mais nos deixariam arrancar da penitencia da Terra?

Isso de querer perfumar de nárdos o esqueleto profanado da existencia para pretender encarna-lo numa forma isenta do vil barro, quando nunca foi tão ingrata a função do espirito, é ter muita confiança nas suas proprias virtudes!

Minha amiga: Você que vive sempre

Do livro *Malicia sem Maldade*:

Os individuos que se habituam a falar ás multidões acabam geralmente, como certo personagem de Wells que bradava:

— Embora nada tenha, dou-vos tudo que desejo!

JOAQUIM MANSO

Do livro *Malicia sem Maldade*:

Se Alexandre voltasse atrás e lêsse a sua historia, talqualmente corre escritta pelos mestres, era de presumir que ele exclamasse:

— Não se trata com certeza de mim! Os Alexandres são muitos...

JOAQUIM MANSO

NOVIDADE LITERARIA

JOAQUIM MANSO

Malicia Sem Maldade

Uma nova mensagem espiritual

A' venda em todas as livrarias



O professor P. Marconi, chefe da missão arqueologica italiana, descobriu em Valonia, Albania, um importante centro prehistorico. No Vale de Suscia, perto da povoação de Velcia,

encontraram-se numerosas grutas que serviram de habitação ao homem, na época neolitica. No solo duma delas descobriram-se importantes detritos, como objectos em osso e sílex e vasos com desenhos geometricos, pintados a castanho, branco e vermelho. Não foi ainda possível resolver o problema etnografico suscitado por estas descobertas. Tudo indica, porém, que remontam a mais de dois mil anos antes da nossa era.

Os fragmentos dos objectos encontrados parecem indicar certo parentesco com as ceramicas das costas italianas do Adriatico.

A descoberta da estação de Velcia é um apoio consideravel á hipótese segunda—a qual a Albania teve periodos prehistoricos ainda ignorados pela arqueologia.



Paul Valéry escreveu para o novo Palácio do Trocadero, as seguintes legendas que vão ser gravadas nas quatro faces do edificio: «Il depend de celui qui passe que je sois une

tombe ou un trésor, que je parle ou me taise. Ceci ne tient qu'a toi n'entre pas sans desir».

«Tout homme crée sans le savoir comme il respire mais l'artiste se sent créer. Son acte engage tout son etre, sa peine bien aimée le fortifie».

«Dans ces murs voués aux merveilles l'accueille et garde les ouvrages de la main prodigieuse de l'artiste égale et rivale de sa pensée l'une n'est rien sans l'autre».

«Choses rares ou choses belles ici savamment assemblées instruisent l'œil a regarder comme jamais encore vues toutes choses quisont au monde».

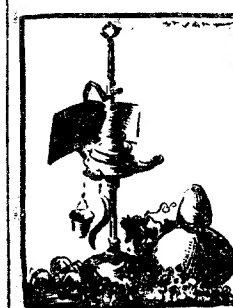


Nem sempre um cerebro volumoso é sinal de intelligencia excepcional. O de Anatole France era de dimensões vulgares, e o seu peso era bastante inferior á medida geral.

Um dos crânios maiores que se conhecem é o de Tourgueniev, que tinha 2.030 centímetros cubicos de volume.

O de La Fontaine tambem era respeitavel—1950 centímetros cubicos; o de Beethoven media 1750 centímetros cubicos e o de Bismarck 1695.

O que diz a estas mensurações o brilhante escritor dr. Tomaz Colaço que, no livro «Ao microfone tal qual se fala» se orgulha de ter uma respeitavel caixa craniana, só comparada á do sr. dr. Afonso Costa?



O dr. Thomas Wright declarou ha dias que um homem de 40 anos se pode considerar velho.

Eis o seu raciocinio:

«A intelligencia do homem cresce até aos catorze anos e começa a declinar a partir dos trinta e cinco.

Assim, um individuo de quarenta anos não é mais intelligente que um rapaz de catorze».

Será assim? Tudo indica que não. As grandes obras de arte e de literatura são quasi sempre criadas por homens que já passaram a meia idade. O proprio Thomas Wright, autor desta estranha teoria, tem já meio seculo de existencia.

Dez minutos **POETAS MODERNOS**

com

**Mario Marques**

O entrevistado de hoje é um dos nossos mais novos autores teatrais.

A recente publicação do seu livro «Domingos Alegres» obrigou-nos a procurá-lo.

Mario Marques não frequenta cafés, esquinas do Chiado ou tertulias teatrais. Estreia uma peça e no dia seguinte desaparece, para só voltar ao teatro quando tem outra em ensaios.

Eis o que diz Mario Marques:

—A publicação «Domingos Alegres» marca uma derivante da sua actividade literaria?

—«Domingos Alegres» é apenas um conjunto de palestras humorísticas que, durante um ano, li, aos domingos, aos microfones da Emissora Nacional e Radio Club Português. Inúmeras cartas em meu poder, recebidas naquela altura, deram-me a impressão de que eram escutadas com interesse. Resolvi publicá-las. Nada mais. Não me interessa esta actividade.

—A sua paixão literaria é o teatro?

—Absolutamente! A literatura teatral é a única que no nosso país compensa o esforço do escritor, e a única também que o satisfaz por completo.

—Sim?

—Eu digo-lhe porquê. Na obra escrita o autor raramente tem a certeza do agrado ou desgosto. As reacções do leitor chegam-lhe já tão diluídas que se lhe torna difícil tabelar com precisão o efeito produzido.

—O que não sucede na obra representada...?

—Claro. Ai as coisas passam-se duma maneira diferente. O escritor teatral sente logo a decisão do publico na primeira representação do seu trabalho. As reacções produzidas indicam-lhe imediatamente se acertou ou está em erro.

—Tem muitas peças representadas?

—Poucas. Eu trabalho em obediencia a um plano que a mim proprio tracei e de que não me afasto. Não me interessa a produção. Interessa-me a segurança da marcha...

«Uso uma tática que aconselho a todos os novos que se sentem atraídos pelo teatro. Quasi todos os novos pretendem entrar no teatro com uma peça em 3 actos, representada no Nacional, sendo possível, e, sendo possível ainda, que passe as fronteiras. Embriaga-os um sonho de victoria que é, em geral, o que os mata á nascença. Eu caminhei ao contrario. Comecei há quinze anos a escrever para o teatro. A minha primeira peça foi uma revista de costumes locais representada na provincia por amadores. Acharam-me qualidades, entusiasmaram-me, mas eu fiz-me desentendido e não me deixei levar pelas primeiras impressões.

No ano seguinte, escrevi outra peça, representada também por amadores. O entusiasmo redobrou. Quisiam que eu escrevesse uma peça para um teatro de Lisboa. Até appareceram capitalistas!... E eu, que estava agarrado, com toda a alma, ao meu plano, continuei a não me deixar influenciar. Era muito cedo, ainda, para atirar para uma victoria mais do que problemática o sonho que eu acalentava com tanto carinho.

—Das suas peças, qual foi a que obteve maior exito?

—Não tenho tido exitos. Nem quero, por enquanto... Tenho tido apenas «agrados».

«Quando um autor começa a ter exitos, está a aproximar-se da curva descendente, e eu sinto-me ainda com força para subir alguns degraus...

—Tem algum trabalho em preparação?

—Permita-me que lhe diga que não lhe posso dizer... E' do plano... Isto, é claro, quanto ás peças do genero comico, que é o genero de que vivo... Mas para não deixar a sua curiosidade completamente insatisfeita, comunico-lhe que, talvez, este ano appareça com uma peça, no genero sério, «A offensiva dos novos», baseada no rumo que a juventude do meu país está tomando com a instituição da «Mocidade Portuguesa»,—obra admiravel, de fé e patriotismo, que devemos ao illustre titular da pasta da Educação Nacional.

A cortesã do Palacio Pitti

de Octavio de Marialva

Palacio Pitti. Sala solar do loiro Apolo. Foi ali que eu entrei, certa manhã florentina, de uma volupia ardente e inexplicavel no solo com relevos e altares da hora grega e bizantina.

Lembra-me bem, ainda. Havia, por toda a parte, sob um filtro estonteante de lirios e de rosas, com a pompa de um tesouro nigromantico de Arte, painéis, cristais, esmaltes, gemas as mais preciosas.

Gloria! Gloria ao Milagre! Assim rondava, ebriamente, como um Deus-Pan capripede, o meu sonho profano, evocando, na aura exterior de minha mente, Cellini, Sarto, Aracio, Guirlandajo, Ticiano.

De repente, parei. Era a tela do Vecello, que se erguia perante o meu olhar assombrado. Divinamente nua, chamejante o cabelo, Maria Magdalena estadeava-se, a meu lado.

—«Desde quando te vi?»—pregunto. E quis fixar, na voraz sensação de invencível magnetismo, o olhar da sibila, o semi-cerrado olhar, que arrasta qual ciclone, e fascina qual abismo.

A cortesã sorriu, e a sua boca, latejando como a áspera luxuria de uma hebraica pantera, silabou no silencio ao elegiaco bando dos Principes de Arcadia, e Artistas da Quimera:

—«Sim eu sou a mulher perdida. Eu sou o Prazer. Um proconsul romano encontrou-me em Cesaréa. E, desde então, eu venho, na opulencia a viver, vendendo a minha carne, deleite que estonteia...»

«A vida é febre. A vida é paixão. A vida é gozo. O resto é só mentira, ilusão, ou desventura. Nada ha como rolar no estertor angustioso de um amplexo infernal, em erótica loucura.

«Eu amo o impossível. Amo a ruína. Amo a Morte. Ai! do que vive alheio! Ai! do que poupa a sua hora! O tempo não perdôa quem se mofa da Sorte, possuía pés dourados, ou um peçoço de Aurora...»

O CRANEO DE DESCARTES

A França está agora celebrando, com expressivas manifestações culturais o tricentenário da primeira edição do «Discours de la Méthode», de Descartes. Na Sorbonne realizou-se, ha dias, com a assistencia do sr. Albert Lebrun, presidente da Republica francesa e de Jean Zay, ministro da Educação Nacional, uma brilhantissima cerimonia para comemorar o genio do grande filosofo racionalista.

Foi lida uma notavel pagina de Henri Bergson, e falaram Paul Valéry, sir Herbert Samuel, Leon Brunschwig, Emile Brehier, e o ministro Zay. E' interessante frisar que tanto Bergson, como Zay, collocaram a grande exposição de Paris sob o patrocínio do pensamento carteziano.

Mais interessante porém, é o artigo que o academico Georges Lecomte publicou, ha dias, em «Le Journal». Conta elle, com algum espirito, as attribuições macabras que tem sofrido o esqueleto de Descartes, sobretudo, o cranio, que foi roubado oito vezes, e oito vezes revendido até que, por fim, foi cair ás mãos duma quinleco



O cranio de Descartes com as inscrições que lhe gravaram



Retrato de Descartes, por Weenix, que, recentemente, deu entrada no museu de Utrecht

sueco, Berzélius, pelo preço de 37 francos e 50. Berzélius, dignamente, ofereceu-o á Academia de Ciencias Francesa.

Descartes, como se sabe, morreu na Suecia. Os seus restos mortais foram varias vezes trasladados naquele país, seguindo mais tarde para Dinamarca, e depois para Picardia. Estiveram em duas igrejas parisienses e no convento dos «Petits Augustins» (Museu dos Monumentos Franceses).

A convenção, ordenou em 1793, por decreto que nunca foi cumprido, que o corpo de Descartes, sem a cabeça, repousasse na igreja de Saint Germain des Prés, na capela do Sagrado Coração, entre os despojos de Mabilion e Montfaucon.

Durante esse tempo, o cranio de Descartes passava de mão em mão. De 1650, data em que o filosofo morreu até 1821, era vendido e revendido. Todas estas transacções estão assinaladas na caixa craniana. O primeiro nome que nele foi gravado é o do sueco Israel

Plomstrand, capitão dos guardas, que, tendo assistido á exumação dos restos mortais de Descartes, no cemiterio dos Orfãos, de Stokolmo, se apoderou do cranio.

Figuram depois as assinaturas das pessoas que successivamente, o adquiriram: Olaius Olsius, Stjarnom, Hoegerflycht, o memorialista Arckenholtz, Ahgren, Spassman e Arngren. Alguns increveram epigramas e versos, em latim, e pensamentos em sueco.

Hoegerflycht guardou para si o maxilar inferior, que nunca mais voltou a apparecer. Falta também uma falange á mão direita, roubada pelo cavaleiro Terlam, grande admirador de Descartes. Berzélius comprou a cabeça do filosofo a Arngren, que, segundo a historia, era «director duma casa de jo-go discretamente tolerada», por 35 francos e 50. Mensurações escriptas e estudos de antropologistas permitem afirmar que a caixa craniana, que está no Museu de Historia Natural, é, sem qualquer duvida, de Descartes.

OS LIVROS DA SEMANA

Nunca é demais insistir: a imaginação psicológica não é o forte do português. Que outra razão se deve dar como justificativa da pobreza da nossa literatura de ficção? Após, aproximadamente, um ano de leitura de obras portuguesas, verifico não ter lido mais que dois ou três romances e dois ou três livros de contos e novelas. E que romances! E que novelas! Os nossos romancistas consagrados, com poucas excepções, de romancistas só têm o nome. Que pensarão eles da arte tão subtil e difícil do romance. Que ideia farão daquilo a que os psicólogos chamam «imaginação psicológica»?

Ora o certo é a arte do romance assentar alicerces na imaginação psicológica. A arte do romance é, de maneira geral, a arte de ficção: isto é, o conto e a novela. É erro supor-se que o romancista precisa de ser dotado de fantasia. A fantasia é necessária ao inventor de fábulas ou de romances fantásticos. A fantasia é do domínio poético. A imaginação é outra coisa. Num livro não muito actual, mas justo a muitos títulos (*The art of the novelist*, de Lathrop), lia eu há dias: «Imagination is not the power of creating that which is unlike normal experience; on the contrary, it is the power of creating that which is like normal life under the law of being of the thing imagined». O que quer dizer que a imaginação não é uma faculdade criadora do que está para além do normal, da vida ou da experiência quotidiana do homem; pelo contrário, é o poder de criar qualquer coisa que pertence à vida quotidiana e está dentro das leis da própria realidade. Ora a imaginação psicológica exerce-se da mesma maneira. O seu objecto é apenas mais restrito. Imaginar psicológicamente é criar com os dados da psicologia — da nossa experiência psicológica — seres em si mesmos humanamente possíveis. Imaginar outros homens é pressupor-se quais as suas reacções psicológicas quando em contacto com os mil acidentes sociais e morais da vida.

Eis por que escritor de ficção é o homem capaz de se desdobrar em seres com independência e livre arbitrio. Daí o principal trabalho do romancista ser coisa bem diferente daquilo que supõe a generalidade daqueles que em Portugal cultivam a arte de romance. Romancista é um homem que sabe escolher um ponto de partida. O seu trabalho fundamental consiste em encontrar uma situação a partir da qual os núcleos psicológicos — as personagens — por ele concebidos se possam desenvolver e realizar. Tal qual como um nascimento provoca uma série de modificações na condição social e moral daqueles que cercam o recém-nascido — a mulher que o deu à luz passa a chamar-se *mãe*, o homem que o concebeu, *pai*, a criada que o cria *ama*, etc. — assim o facto de um romancista colocar num certo meio um germe de personalidade — uma personagem — determina uma série de circunstâncias e de situações que são o próprio romance. Uma personagem fortemente caracterizada pela psique amorosa — dará origem a múltiplas situações amorosas; uma personagem de psique rebelde — dará origem a múltiplas situações de rebeldia. O romance será assim o gráfico dos amores e das rebeldias desses núcleos de personalidade colados em certas condições sociais pelo romancista. Daí o romancista ser uma espécie de *jogador de dados*.

O romancista é um homem que tudo espera do azar. Mas contar com o azar não é contar com o arbitrário. Não há nada menos arbitrário que o azar. Simplesmente, as suas leis são-nos desconhecidas. Romancista que pretenda dirigir o azar trai imediatamente a sua missão: o seu romance será um jogo da arbitrariedade, não um jogo do azar — do destino.

Eis, pois, como a acção do romancista é delicada. A sua intervenção na própria obra é ditada pelo azar cujas leis desconhece. Palpitando-lhe os caprichos, perscrutará as reacções psicológicas do *ser possível* que atirou para a vida. A imaginação psicológica deve ele ir pedir a graça de colaborar com o azar. Aquele célebre herói de Stendhal, Julien Sorel, que morreu na forca, encontrou na igreja, ao ajoelhar, no dia em que encetou a sua nova carreira, um bocadinho de jornal com a notícia de uma execução capital. Este facto ocasional era um preságio. A surpresa do leitor quando no fim do *Le Rouge et le Noir* vê Julien condenado à pena última não deve ser maior do que a de Stendhal quando se certificou de que o seu herói estava perdido. O romancista é o primeiro leitor do seu romance. Porquê? Porque o verdadeiro romancista não é um construtor arbitrário de uma anedota em que se insiram as personagens. É o próprio carácter das personagens, de colaboração com o azar, que determina a anedota — isto é, as circunstâncias romancescas da sua vida. Não foi Stendhal quem levou Julien Sorel à forca, mas o seu próprio orgulho, a sua ambição, o seu cavalheirismo, o seu desafio à arbitrariedade dos homens e da vida.

Ora nada disto é possível sem imaginação psicológica. A imaginação anedótica é secundária. Um romance em que as personagens sejam modeladas pela acção é um folhetim. Muitos romances que em Portugal se publicam po-

dem classificar-se de maus folhetins, pois para bons folhetins ainda lhes falta a riqueza de imaginação anedótica.

* * *

A imaginação psicológica é tão indispensável ao autor de romances como ao autor de novelas ou de contos. Conquanto haja nuances de técnica entre cada um destes generos, a verdade é que todos, eles assentam num mesmo fundo: todos são uma tradução estética da vida concreta do homem. (Perdoo-se-nos a limitada definição). O volume de *contos africanos*, *Maia Poçon* de Viana de Almeida, não está, por isso fora das considerações que acabamos de fazer. Pelo contrário. Afigura-se-nos que os contos de Viana de Almeida se aproximam mais da técnica do romance que da do conto. Pelo menos o primeiro, *Maia Poçon*. É mesmo de lamentar que Viana de Almeida não tenha aproveitado a matéria romanesca dessa narração. Quer-nos parecer que Viana de Almeida se esqueceu a certa altura de ter principiado um romance; a partir de dado momento apressou a acção, restringiu os acidentes, e, comodamente, pôs-lhe ponto final, crismando-a de conto. Basta lembrar o desenhado longo das primeiras páginas de *Maia Poçon* — «Saí eu, Valentim de Sousa Dantas, natural da ilha de S. Tomé — não há muitos meses da Escola Médica de Lisboa, formado, segundo me dizem...». O leitor dispõe-se a ler uma novela auto-biográfica, um romance se quizerem, em que a vida deste médico, chamado a S. Tomé de onde é filho, lhe fosse relatada com o indito das primeiras páginas mas breve verifica-

ser infundada a sua esperança. Quando Valentim de Sousa Dantas se dispôs a deixar Lisboa por S. Tomé, vem-lhe à memória, já pronto a partir «no primeiro paquete da Companhia Nacional de Navegação», vem-lhe à memória, dizia, a figura de Maia Poçon «rapariga negra, de talhe esbelto, rosto sorridente». E não mais se nos fala da viagem. Valentim passa a rememorar até à última página do conto a história dos seus adolescentes amores com essa «pretinha fina». Que pena! O leitor deve lamentar ter perdido a oportunidade de ver narrada a história de um negro formado em medicina de regresso à sua terra. Não que *Maia Poçon* seja uma história insípida. De maneira nenhuma. Mas Viana de Almeida podia ter ido mais longe, devia ter aproveitado a sua experiência própria, pondo-nos em contacto com os mistérios dessa África que nós conhecemos sobretudo pela visão incompleta dos brancos. Valentim de Sousa Dantas podia dar-nos uma África vista pela retina de um homem de cor.

Há outros contos neste volume igualmente curiosos. Viana de Almeida com um incompleto comando dos meios de expressão, caindo não raro no lugar comum e no deslize sintático, dá, pelo menos, uma lição a muito continental: a língua, para ele, é qualquer coisa viva e que faz viver. Com um vocabulário deminuto, Viana de Almeida logra animar alguns dos seus heróis até no-lo apresentar vivos. É o caso da negrinha que ele nos pinta com esta *gaucherie*: «Estou a vê-la da forma como ela costumava olhar para mim, com o sorriso constante a alegrar-lhe a face. Os lábios entreabriam-se e mostravam um fio de dentes brancos como pé-

rolas. Não tinha as feições grosseiras; pelo contrário. O nariz, a boca, o contorno do rosto eram de uma delicadeza que surpreendia... «Desconfio que não saberei fazer-vos sentir a suavidade dos seus ombros, a força do seu busto, o boleado das formas em geral. Ao andar, os olhos seguiam-na enlevados na graça elástica dos movimentos. Trajava quasi sempre saia escura presa aos quadris, blusa pintalgada de várias cores; e os cabelos crespos escondiam-se debaixo de um lenço claro, de ramagens». E o certo é a pretinha viver diante de nós. E a sua atracção, meio sentimental meio sensual, pelo mulatinho é-nos contada com frescura e melancolia. «Que pena, meu amorzinho. Tu cresces muito devagar. Assim nunca mais me apanhas!» exclamava ela deitada com ele na cama. E nesta frase há a poesia das melhores páginas do livro.

Não sei se graças ao fundo poético português, se à frescura da sensibilidade africana, o certo é este livro nos revelar algum capaz talvez de escrever o livro que a literatura colonial portuguesa aguarda: o romance do negro. Diz Alain que de todos os artistas o escritor em prosa é o mais difícil de explicar. Se é o mais difícil de explicar é também o mais difícil de compreender. Não sei — não me atrevo a dizê-lo — se Viana de Almeida é um escritor capaz de grandes obras. Sei, porém, que este voluminho de contos denuncia predicações não para desdenhar. Entre tantas obras com a única preocupação de exibir vocabulário, *Maia Poçon* é excepção. Ha nela imaginação psicológica — intuição humana. Quasi todas as suas figuras estão humanizadas.

É claro que a maior dificuldade do escritor está em descobrir o que deve dizer e o que deve calar. Viana de Almeida precisa de ter a coragem de ser tal como é: um homem de uma determinada raça. Não que eu pense que as raças têm em si mesmas virtudes e defeitos próprios. Mas a arte é essencialmente a maneira do homem dar a conhecer aquilo pelo que, individualmente, atinge o universal. Seria bom que Viana de Almeida, através da sua sensibilidade particular nos desse o ponto de contacto da sua com todas as outras raças.

* * *

Voltando ainda à imaginação psicológica. Não será por mingua dessa imaginação que o português tanto pende para o historicismo e para a erudição? É certo que o passado se não pode bem conhecer sem o inquerito documental: a busca de fontes. O presente também precisa, mais ou menos, da experiência do passado. Mas nem o documento em si mesmo é o passado nem a história a única forma de nos movermos no presente. Por isso será bom que o documento seja o ponto de partida de uma interpretação inteligente e compreensiva; a história uma fonte de meditação activa.

Se não fosse esta nossa falta de imaginação psicológica a obra *Os amores de Wenceslau de Moraes*, publicada por Angelo Pereira e Oldemiro Cesar, talvez viesse seguida de um subtítulo mais ou menos nestes termos: *achegas para a sua história*. Tal como está engana; não se trata de uma história dos amores de Wenceslau de Moraes — uma história viva — trata-se de um repositório de documentos.

Os homens amam mais ou menos da mesma maneira. Os instintos, diz a psicologia, são improgressivos. Por isso os grandes homens não são muito diferentes dos pequenos quando se deixam vencer pelos instintos. A sua grandeza está até, exactamente, em sabê-los vencer. Nisso é que um grande homem se pode distinguir de um pequeno. Mas se são os instintos que vencem o homem — os homens igualam-se. Eis por que as cartas de amor do estudante Wenceslau de Moraes são quasi ridiculas. Eis por que se não pode fazer uma história dos amores de um homem superior sobre o documento cru desses amores. Que Wenceslau de Moraes, estudante, tivesse amado e com a trivialidade própria do meio e da idade, uma menina frívola, nada mais natural. O relato disso era escusado. O que importava não era mostrar em que é que Wenceslau de Moraes teria sido igual a todos os rapazes da sua idade quando amam uma menina de um terceiro andar, mas sim em que Wenceslau de Moraes já então diferia dos outros. Para isso, bastava o biógrafo não fazer historicismo, mas psicologia. Então a personalidade amorosa de Wenceslau de Moraes ter-nos-ia aparecido a uma outra luz. A feição que sobre ele exerciam, por exemplo, as mãos e os pés pequenos seria um dos elementos a considerar num tal estudo. E Wenceslau de Moraes, estudado assim, por quem que pusesse a sua imaginação psicológica ao serviço da sua personalidade, ter-nos-ia aparecido como um caso particularíssimo de amoroso. Tê-lo-íamos, talvez, menos historicamente verdadeiro, mas mais verdadeiro e mais certo psicologicamente, como homem, como sensibilidade, como natureza humana, misterioso abismo, insondável pélago.

MAIA POÇON, contos africanos, por VIANA DE ALMEIDA OS AMORES DE WENCESLAU DE MORAIS por ANGELO PEREIRA E OLDEMIRO CESAR

O calvario do Principe Perfeito

(Continuação da 1.ª pagina).

Esta realização das aspirações de D. João II, vinha coroar felizes sucessos de além mar: A fundação do Castelo de S. Jorge da Mina, as descobertas dos reinos de Benin e do Congo — os informes de lá trazidos sobre o reino do Preste João — e a passagem do Cabo das Tormentas, por Bartolomeu Dias, ao qual o rei mudou o nome para o da «Boa Esperança» pelas suas vistas postas no Oriente.

Mas tão risonho quadro tinha de ser convertido em dor suprema pela morte do Principe no desastre da Ribeira de Santarem. Trazido muribundo na rede dum pescador de Alfange, essa rede tomou-a a rainha para as suas armas como simbolo da sua dor, vindo em tal fatalidade um castigo das mortes ordenadas por seu esposo. Primos, e do mesmo sangue altivo e bravo, mais grave se tornou o conflito entre mulher e marido.

Houve, porém, uma grandeza elevada, particular e política, no drama conjugal: D. Leonor fundou a Misericórdia de Lisboa que se ramificou pelo reino — o Hospital das Caldas da Rainha, as Mercenarias e casas piedosas.

D. João II, mais ainda, do que quando se fazia acompanhar pelo Principe, conviveu com os lares do Povo, sendo padrinho de baptizados, casamentos e acompanhando enterros. Ambos trabalharam a obra do Estado Novo.

D. João II, porém, queria que lhe sucedesse o Infante D. Jorge, seu filho bastardo, faltando à promessa ao Infante D. Manuel feita momentos depois de matar o duque de Viseu. D. Leonor queria que ela fosse cumprida não só por ser sua irmã, mas por reconhecer no Infante mais qualidades para reinar do que no bastardo D. Jorge, que, aliás, magnanimamente, acolhera a viver no Paço.

A rainha venceu por fim quando D. João II, ouvindo o seu confessor, os seus mais provados amigos e até re-

presentantes do Povo o deixou por herdeiro de acordo com essa opinião. O que lhe restava? O «Povo», o novo Estado que ele criara.

Essa sincera e profunda penitência das suas acções violentas comprovou-se nos derradeiros momentos do Principe Perfeito, ao exalar o ultimo suspiro nos braços do filho natural D. Jorge e na solidão do Castelo de Alvor. D. Leonor estava doente em Alcaçer do Sal e D. Manuel chegou a ir a caminho de Alvor, mas retrocedeu.

Os cronistas relatam o epilogo, pungente, do calvario que foi a vida do Principe Perfeito desde a morte do filho: Aludindo à celebre «buceta», de que D. João II trazia a chave ao pescoço, e na qual se dizia ter os restos do veneno com que fizera desaparecer alguns dos seus inimigos políticos, o bispo de Tanger, depois de ter cerrado os olhos ao cadáver real, perguntou ao Prior do Crato:

—Tendes a chave?

—Tirei-lha quando o socorri no ultimo desmaio.

—Vamos D. Prior — O nosso proposito é honrado, e de amigos de el-rei, que santa gloria haja.

—Façamos desaparecer o veneno, se ali está.

Trementes abriram o cofrezinho, e logo exclamaram piedosamente assombrados:

—Louvado seja Deus Nosso Senhor! —disse o bispo.

—Um cilício! Um rosário! E estas Horas! —acrescentou o D. Prior.

—Por isso Deus perdoou ao «Principe Perfeito» que morreu como um justo.

Acabavam de soar estas palavras do prelado de Tanger, ouviu-se um rumor dolorido em torno do castelo, e não tardou que o Povo em choro convulso irrompesse na camara mortuaria clamando ter perdido o seu pai!

Era o «Estado Novo», que agradecia aquele que lhe dera a sua existencia nacional e politica.

ARTUR LOBO D'AVILA

JOÃO GASPAR SIMÕES